



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MAIELY VIANA PAZ

**ASPECTOS DERIVACIONAIS E INTERTEXTUAIS PERCEPTÍVEIS NA
OBRA “O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE”**

Itaituba – PA
2019

MAIELY VIANA PAZ

**ASPECTOS DERIVACIONAIS E INTERTEXTUAIS PERCEPTÍVEIS NA
OBRA “O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

Itaituba – PA

2019

MAIELY VIANA PAZ

**ASPECTOS DERIVACIONAIS E INTERTEXTUAIS PERCEPTÍVEIS NA
OBRA “O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a. Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Avaliadora : _____ Nota: _____

Avaliadora : _____ Nota: _____

Resultado: _____ Nota: _____

Data: 01 de abril de 2019

A mim mesma, pela minha força e dedicação, a minha mãe, Leuda por me ajudar de diversas formas, e a meus amigos, todos são os pilares que me sustentam. Dedico-lhes essa conquista como gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que tem me dado força todos os dias para seguir e suportar todas dificuldades, que vem propondo novas possibilidades e conquistas.

A minha mãe Leuda Viana, que é minha base e meu alicerce, que sempre me ajudou e vem suportando tudo comigo.

Aos meus amigos que observaram de perto a minha batalha e nunca me abandonaram, em especial a Sabrina Lima e ao Mickael Giullis que me ajudaram e me ajudam, e estão ao meu lado em todos os momentos que preciso.

A minha família Rolê Aleatório que são tudo para mim e que estão do meu lado nessa conquista, todos sem exceção.

A todos os professores do curso, que foram muito importantes na minha vida acadêmica.

A minha orientadora Mara Nascimento, pela paciência na orientação, pelo incentivo, pelo carinho e compromisso, pela compreensão e pela garra.

Aos meus colegas de turma, em especial a Gisele, Maria, Matheus, Aldeane, Kaline Graziele, Wellerson Bruno, Aline, Sângela, Milton, Paulo, Miriam, Adílio, Cristiano Patrick, Wennder e Taís. Foram momentos de lutas e de glórias, com essas pessoas guerreiros que estiveram ao meu lado em todas as derrotas e conquistas durante esses quatro anos.

A todos dedico esta conquista

É preciso que eu suporte duas ou
três larvas se quiser conhecer as
borboletas.

“Antoine de Saint- Exupéry - O pequeno
Príncipe”

RESUMO

Objetivou-se neste estudo analisar os aspectos derivacionais e intertextuais perceptíveis na obra livro "O Retorno do Jovem Príncipe", lançado em 2008, de autoria de Alejandro Guilherme Rommers, mas também, lançar um olhar para a possibilidade metodológica possível pela intertextualidade literária e pela releitura de clássicos. Para tal, a metodologia utilizada teve como base o levantamento bibliográfico, com consultas buscou-se informações quanto a definição de Literatura Comparada, os aspectos gerais de intertextualidade literária e sua utilização para a construção de novos textos e sobre releitura de obras literárias. Os principais autores pesquisados são Carvalhal (2006), Bakhtin (2002), Compagnon (2003) e Orlandi (1999), Umbach,(2011), entre outros. A partir da análise realizada, verificou-se que a obra "O Retorno do Jovem Príncipe", de Alejandro Guillermo Roemmers, figura com uma derivação, uma releitura do clássico literário de Antoine de Saint-Exupéry, "O Pequeno Príncipe", detectando também os aspectos intertextuais presentes nesta produção. Concluiu-se que a relação estabelecida do texto fonte como um autor determina os elementos que serão extraídos intertextualmente, bem como, personagens convidadas para a trama ou as personagem a serem migradas, suas ações, características mantidas ou a nova roupagem pertinente recebida, criando laços e novas concepções. Percebeu-se também que a abordagem sobre a intertextualidade na formação de leitores e consequentemente escritores, surge do interesse em direcionar o trabalho para a compreensão e a essência de um texto, para o estabelecimento da relação leitura e leitor, leitor e escritor e para a explicitação da compreensão estabelecida entre textos literários. Vale também ressaltar, que o papel da escrita remete a estruturação do conhecimento, ferramenta de aprendizagem para o aluno na Educação Básica e para atividades futuras de um acadêmico. Espera-se que antes disso, que o aluno ao decorrer das séries, domine as técnicas da escrita em projetos, resumos, organização do pensamento que surge através do sujeito linguístico e à configuração de todo o conhecimento que o sistema de ensino inclui na prática.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Livro. Intertextualidade. Escrita.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the derivational and intertextual aspects of the book "The Return of the Young Prince", published in 2008, by Alejandro Guilherme Rommers, but also to look at the methodological possibility possible through literary intertextuality and rereading of classics. For this, the methodology used was based on the bibliographical survey, with queries were sought regarding the definition of Comparative Literature, the general aspects of literary intertextuality and its use for the construction of new texts and re-reading of literary works. The main authors are Carvalhal (2006), Bakhtin (2002), Compagnon (2003) and Orlandi (1999), Umbach, (2011), among others. From the analysis made, it was verified that the work "The Return of the Young Prince", by Alejandro Guillermo Roemmers, has a derivation, a re-reading of the literary classic of Antoine de Saint-Exupéry, "The Little Prince, intertextual aspects present in this production. It was concluded that the established relation of the source text as an author determines the elements that will be extracted intertextually, as well as, characters invited to the plot or characters to be migrated, their actions, characteristics maintained or the new pertinent clothes received, creating ties and new conceptions. It was also noticed that the approach on intertextuality in the formation of readers and consequently writers arises from the interest in directing the work to the comprehension and the essence of a text, for the establishment of the relationship between reader and reader, reader and writer and for the explicit understanding between literary texts. It is also worth noting that the role of writing refers to the structuring of knowledge, a learning tool for the student in Basic Education and for future activities of an academic. It is expected that prior to this, that the student in the course of the series master the techniques of writing in projects, abstracts, organization of thought that arises through the linguistic subject and the configuration of all the knowledge that the teaching system includes in practice.

Keywords: Comparative Literature. Book. Intertextuality. Writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 A LITERATURA COMPARADA: ASPECTOS GERAIS.....	10
2.2 A INTERTEXTUALIDADE LITERÁRIA.....	14
2.3 RELEITURAS DE OBRAS LITERÁRIAS.....	16
2.4 RELEVÂNCIA METODOLÓGICA DA RELEITURA LITERÁRIA	24
3 METODOLOGIA	28
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO E ANÁLISE.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
4.1 ASPECTOS DERIVACIONAIS EM O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE	34
4.2 QUESTÕES INTERTEXTUAIS EM O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE	37
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou analisar os aspectos derivacionais e intertextuais perceptíveis na obra livro "O Retorno do Jovem Príncipe", lançado em 2008, de autoria de Alejandro Guillermo Rommers, bem como, lançar um olhar para a possibilidade metodológica possível pela intertextualidade literária e pela releitura de clássicos.

Para tal, a metodologia utilizada teve como base o levantamento bibliográfico, com consultas buscou-se informações quanto a definição de Literatura Comparada, os aspectos gerais de intertextualidade literária e sua utilização para a construção de novos textos e sobre releitura de obras literárias. Os principais autores pesquisados são Carvalhal (2006), Bakhtin (2002), Compagnon (2003) e Orlandi (1999), Umbach,(2011), entre outros.

A experiência como discente da Educação Básica, na sequência , acadêmica de curso de curso de graduação, acrescida das observações em campo nos Estágios Supervisionados obrigatório para a conclusão de curso de licenciatura, levaram a observar as angústias dos professores de língua portuguesa, que a muito vem reclamando da dificuldade dos alunos em relação à leitura, o que desemboca na falta de habilidade com a produção textual.

A referida problemática levou a refletir estratégias metodológicas que poderiam auxiliar no desenvolvimento da leitura, da interpretação textual e na produção escrita de maneira atrativa para o alunado, o que apontou para o trabalho com a intertextualidade, em especial literária, e a releitura de obras clássicas, visto que as suas funções estão ligadas ao "conhecimento de mundo", conhecimento esse que se compartilha do escritor para o leitor e do leitor para a escrita.

Este trabalho de conclusão de curso encontra-se dividido da seguinte maneira: fundamentação teórica, abordando conceitos de Literatura Comparada, Intertextualidade literária e releitura de obras literárias, bem como, tópico reflexivo sobre a relação leitura, leitor, escrita, e a relevância metodológica da releitura de obras literárias, no desenvolvimento dessas habilidades. Em seguida apresenta-se a metodologia utilizada e os objetos de estudo e análise. Nos resultados e discussões encontra-se a análise quanto aos aspectos derivacionais e intertextuais na obra "O retorno do Jovem príncipe".

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LITERATURA COMPARADA: ASPECTOS GERAIS

O comparativismo é um recurso do procedimento mental que é utilizado em diversas áreas de estudo que pode favorecer a generalização ou a diferenciação de algo, com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, para determinar se são iguais, semelhantes, similares ou diferentes.

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso (CARVALHAL, 2006, p. 7).

Desta afirmação de Carvalho corroboram Brunel, Pichois e Rousseau (2012) explanado que a comparação é integrante da estrutura do pensamento, utilizada nas áreas do saber e da linguagem. Portanto, a comparação figura como recurso para análise e interpretação.

Não é possível ler senão comparativamente (ou seja, racionalmente) [...] não se trata tanto da opção entre comparar e não comparar... Não há de fato como não comparar. Toda leitura é ativação, partilha e 'cooperação interpretativa' (BUESCU, 2001, p. 23).

Que a Literatura Comparada compreende possibilidade de interação das literaturas entre si, promovendo e inspirando futuras produções, Pontuam Brunel, Pichois e Rousseau (2012). Quando a Crítica literária analisa uma obra sempre estabelece comparações observando as semelhanças e diferenças.

No entanto, quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método- e começamos a pensar que tal investigação é um estudo comparado. Pode dizer então que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a este tipo de recurso literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2001, p. 10).

A comparação, no que tange à Literatura, ramo de estudo da Teoria Literária é denominada Literatura Comparada, e, dedica-se a descoberta de similaridades entre textos contemporâneos e clássicos, ampliando seu campo de forma a dar conta das

relações entre culturas, nacionalidades e épocas distintas, contemplando recursos analíticos e interpretativos, segundo Carvalhal (2006).

A Literatura Comparada busca perceber a relação entre pelos menos dois textos. A raiz latina do termo mostra inter (no interior de dois) + texto (*textus*) (fazer tecido, entrelaçar), (HOUAISS, 2001). Produzir literatura comparada é perceber a relação entre pelos menos dois textos, observando como uma obra literária se interliga com outras obras em todo e qualquer período da Literatura de qualquer país. Diz respeito a um dos ramos dos estudos literários que relaciona a obra de um escritor, com suas particularidades culturais, sociais e históricas, com a de outros autores e com outras áreas do saber humano como a Filosofia e a Psicologia, bem como, das artes, como o cinema e o teatro (BRUNEL, PICHOS e ROUSSEAU, 2012).

Informam os autores supracitados que historicamente falando que a expressão Literatura Comparada surgiu e se consolidou na França, berço do comparatismo, designando conjunto específico de obras similares, conforme critérios analíticos de comparação.

No Brasil, no início do século XX, a Literatura Comparada foi ligeiramente diferenciada das orientações francesa por João Ribeiro considerando-a como atividade de crítica histórica, mais tarde destacam-se Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes e Augusto Meyer. Eugênio Gomes, depois, Sílvio Romero, por exemplo, rastrearam as fontes da obra de Machado de Assis, em busca de suas influências inglesas. A Literatura Comparada foi introduzida na Universidade brasileira na década de 30 (CARVALHAL, 1992).

A Literatura Comparada surge como espaço reflexivo privilegiado para a tomada de consciência do carácter histórico, teórico e cultural do fenómeno literário, se situa na área particularmente sensível da "fronteira" entre nações, línguas, discursos, práticas artísticas, problemas e conformações culturais.

A Literatura Comparada vai além das fronteiras de um país específico, visto que, também observa, analiticamente em comparação, relações entre diferentes áreas do conhecimento, como na Filosofia, História, Religião, entre outras, bem como, entre outras áreas de análise literária.

A antiga concepção de Literatura Comparada, nascida na Europa e tributária de valores hierárquicos e excludentes com relação às literaturas do Terceiro Mundo, estaria, segundo Spivak, condenada à morte, por não encontrar justificativas para sua sobrevivência. No seu lugar, a nova literatura comparada tende a respeitar e a não

hostilizar diferenças e povos, com o objetivo de processar a construção de coletividades contemporâneas, sem se sujeitarem aos rótulos da globalização e da mundialização (SOUZA, 2014, p. 121).

Essa influência sempre envolve a transformação social e estrutural que o objeto de comparação sofre, pois, cada modelo que é reinterpretado acaba sendo adaptado. Afirma Zhirmunsky (1994, p. 208), que releituras e derivações estão sujeitas “às condições literárias e sociais, às novas relações de tempo e espaço, à tradição literária nacional em geral e à individualidade ideológica, psicológica e artística do autor em questão”.

O comparatista pode se interessar pelas literaturas nacionais, pela música e pela pintura, ou seja, atua comparando uma imagem, um verso, um tema, uma música em diferentes contextos. Segundo Brunel, Pichois e Rousseau (2012) a literatura é produzida por um diálogo intertextual perene, marcado por retomadas, empréstimos e trocas entre autores na elaboração de suas obras.

Muitos despontam através dessa inspiração, embelezando o papel com palavras e universos. Essa prática não é tão fácil como muitos imaginam, exige domínio da língua e atividade de pesquisa. “Desse modo, ao lermos um texto, estamos lendo, através dele, o gênero a que pertence e, sobretudo, os textos que ele leu (aí não exclusivamente literários)” (CARVALHAL, 2006, p. 55).

Muitas obras remetem a continuação de obras anteriores, bem como, de gêneros e temas, o que define a escrita literária escrever com um constante diálogo entre produções do passado e do contemporâneo, afirmam Brunel, Pichois e Rousseau (2012). O diálogo entre manifestações culturais como na Literatura é observado por meio de método de análise que permite construir significados, sendo um deles é a tradução literária, que media relações e dissemina culturas entre diferentes povos.

Assim, literatura comparada e tradução caminham lado a lado. Comparando obras, cotejando textos de diferentes origens e épocas e aprendendo (e apreendendo) cultura, o comparatista está constantemente emergindo em alteridade cultural (ALLEGRO, 2004).

Compreende-se então que traduções figuram com forma de fácil acesso a todas as obras artísticas da humanidade. Ressalta o autor supracitado que para tal, vários elementos envolvidos voltados para a escolha do texto a que se submeteu a tradução. Nesse sentido também o escritor argentino Jorge Luís Borges, segundo

Brunel, Pichois e Rousseau (2012), também defende o aspecto universal da literatura baseado no diálogo.

A comparação é um meio e não um fim, ao abrir reflexões, de forma que leituras transformam-se em escrituras. Uma obra escrita pode ser traduzida, adaptada e recriada em filme, canção, teatro, ou seja, em diferentes artes, mas abarcando a conexão derivacional.

A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparatista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações (CARVALHAL, 2006, p. 52).

Temos diversas possibilidades de textos e diversas linguagens, mas todo texto é um diálogo intertextual, marcado por retomadas e empréstimos entre autores na elaboração de suas obras, e nessa dinâmica, a Literatura Comparada também como princípios a crítica cultural, adentrando assim no contexto globalizado de contestações.

O instrumento de comunicação e interação da literatura é a língua como manifestação artística de um povo e democratização de conhecimento, então o escritor sendo um ser social inserido na realidade de um povo, vai captar as situações presentes e irá recriá-las em sua realidade ou na transcrição de um terceiro.

Na atualidade, a Literatura Comparada figura como uma disciplina reconhecida, inclusive no ensino de grandes universidades europeias e norte-americanas, além de bibliografia específica e muitas publicações especializadas, conforme informam Brunel, Pichois e Rousseau (2012).

Do ponto de vista de Souza (2013), a Literatura Comparada se posiciona como a teoria da amizade, pois, ao percorrer vários caminhos de pontos de vista e ideologias, promove, com esse processo, o respeito às diferenças e a construção de sentimento de coletividade, abolindo o isolamento. Integrada à literatura geral, a Literatura Comparada busca refletir a produção literária e cultural de um povo, e as relações entre os diferentes tipos de recursos.

2.2 A INTERTEXTUALIDADE LITERÁRIA

Segundo Bakhtin (2002, p. 117), “o texto é um mosaico criado através de citações”. Portanto, todo texto é produzido a partir da retomada de outros textos, o autor supracitado afirma que em um texto há espaço para intercâmbio entre conflitos das vozes “que se espalham influenciam a linguagem como processo social”. Essa interação com diversos textos é reconhecida como intertextualidade.

As produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante inter-relação. Na verdade, constrói-se uma grande rede, com o trabalho de indivíduos e grupos, onde os fios são formados pelos bens culturais. Se si considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede intertextual, em constante movimento. O espaço de cultura é, pois, intertextual (CURY, 1995, p.12).

Nada na vida é isolado, tudo se empresta de algo, a escrita não é um processo individual, é o fruto de várias experiências tiradas não somente dos livros que lemos, mas de experiências de outros que fazem o mesmo. Diniz (1999, p.14) afirma que “não existe um texto, mas a história essencial de sua leitura, que, evidentemente, depende do contexto, ambiente cultural onde o leitor se insere”.

A intertextualidade está ligada aos estudos culturais explicando os diferentes olhares sobre o mesmo tema. Segundo Samoyault (2008, p. 75), a literatura carrega a memória do mundo e dos homens. “As histórias entrelaçam-se por meio de contínua relação dialógica e remetem a outras histórias, a outros contextos e a outros espaços simbólicos.”

Ela cria novos meios de conhecimento e compreensão. Está presente em todas as formas de textos, seja literário ou não literário, verbal ou não verbal, bastante presente nas artes em geral. Podendo ocorrer de várias formas e nos diversos gêneros: na prosa, na poesia, nas letras de música, na publicidade, nas imagens, na pintura e etc.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...).O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.(BAKHTIN, 1997, p. 280).

Uma produção intertextual é planejada, as vezes apresenta vestígios diretos do texto original, que permitem reconhecer a influência exercida pelo texto fonte. Para Barthes (1988, p.65) “esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve”. “ Todo o texto é absorção e transformação de outro texto. (...) a linguagem poética se lê, pelo menos como dupla” (KRISTEVA *apud* CARVALHAL, 1992, p. 50.)

Seu conceito torna-se chave em outras áreas do saber e das artes e também sobre a crítica literária. A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista (...). Principalmente, as novas noções sobre a produtividade dos textos literários comprometem a também ‘velha’ concepção de originalidade.” (CARVALHAL, 1992, p. 53.).

Então a intertextualidade literária é uma ferramenta para compreender a literatura dando uma experiência humana na construção do sentido. Mesmo diante de todos os tipos práticas intertextuais, todos dão a mesma ênfase que é retomada de textos e a relação que existe entre elas, apontando a relação do mundo e as coisas nessas existentes, tudo em meio a linguagem.

Esse diálogo entre dois ou mais textos, verbais ou não verbais demonstra que nenhum texto se origina do nada, na verdade sempre traz referência daquilo que já foi produzido, fazendo alusão a uma obra de arte, um livro, um pensamento famoso, um poema, entre outros exemplos.

O texto redistribui a língua. Uma das vias desta desconstrução é permutar textos, farrapos de textos que existiram ou existem em volta do texto considerado e finalmente dentro dele; todo o texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES, 1974, p.15).

Existe na obra literária a produção de diálogo intertextual, marcado por retomadas, empréstimos e trocas entre autores na elaboração de suas obras. Nessa perspectiva, toda obra é uma continuação de uma série infinita de obras anteriores, gêneros e temas já existentes. Assim, torna o ato de escrever um constante diálogo com as produções do passado e contemporâneas.

Por outro lado, pela natureza da disciplina, ocupa-se com elementos que a crítica literária habitualmente não considera: correspondências, literatura de viagens, traduções. No entanto, ao explorá-las, atua criticamente. É desse modo que a literatura comparada se integra às demais disciplinas que ainda mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra (CARVALHAL, 2006, p. 56).

Dentro da teoria geral de Literatura, os estudiosos registram, de forma técnica mas também sensível, obras em outras línguas ou através de sua tradução, apresentando ensaio crítico ligado à teoria comparatista, acrescentando imaginação e ideias para expandir a relação de pensamentos.

Segundo Praver (1994), a abordagem de textos literários em mais de uma língua, investiga suas relações e apresenta sempre a analogia, e, observa influência da língua diferente, usando métodos de análises para atravessar fronteiras linguísticas e prol de um amplo conhecimento.

A intertextualidade é um dos destaques da Literatura Comparada e se situa no intertexto. Para o surgimento do intertexto é necessário o confronto de um texto a partir de outro, para a verificação de diálogo entre os textos. Esse trabalho de citações entre um e outro nada mais é do que uma reflexão do homem para apresentar sentido ao mundo, ou do homem com o mundo.

O diálogo derivacional de obras literárias atravessa pela intertextualidade, o que entre a comparação o texto, revela-se importante na medida em que possibilita notar semelhanças e diferenças literárias próprias que as situam no mundo contemporâneo, não tão somente como um confronto entre obras ou autores.

2.3 RELEITURAS DE OBRAS LITERÁRIAS

O termo releitura pode ser compreendido como algo que cria e transforma. Reinterpreta algo, reconstruindo em outro contexto um novo sentido. Ao realizarmos uma releitura, usamos uma obra original como objeto para criar um novo trabalho. Para isso, é preciso uma boa compreensão na leitura da obra, para poder interpretar bem aquilo que se lê e obter a criatividade juntamente com a experiência de mundo, para a criação de algo diferente do original. Esse recurso está presente tanto nas artes, inclusive, em várias obras literárias.

A “adaptação” é um recurso que permite o uso de modificações, dando ao adaptador uma maior liberdade para integrar sua identidade e características ao objeto modificado. Envolve um fazer artístico que auxilia no refletir sobre imagens e textos de forma crítica, reflexiva e construtiva. Uma adaptação do ponto de vista do comunicador para o seu receptor, que envolve a tradução, uma linguagem mais objetiva sobre o texto.

Adaptação: [...] transposição de uma obra literária para outro gênero [...] ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada. (HOUAISS, 2001, p.78).

O importante é criar algo novo, como um novo olhar sobre a obra. Como afirma Goulemot (1996, p. 116) “a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro” diariamente estamos conectados com artes visuais, sofrendo influência da cultura, seja por meio de materiais, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos e obras literárias. O próprio fazer constrói significações de explorar, sentir, agir, refletir e elaborar sentidos. E esse fazer produz novos conhecimentos

Esta nova leitura não precisa necessariamente ficar restrita à produção artística. Pode ser um novo olhar sobre algo já lido anteriormente. Essa nova leitura poderá ser verbal, mental ou ainda uma nova experiência estética. Pode-se construir uma metalinguagem na imagem, a leitura e a atividade à produção que está presente em forma de imagem.

Reescrever uma obra literária está ligada a concepção de traduzir e adaptar. Vista como a arte de recriar, pois permite que a criatividade seja vista como uma liberdade de expressão, mas limitados a características fieis no texto da obra original, respeitando a ideia que o autor quis transmitir.

A releitura é uma nova interpretação de uma obra, e que por muitas vezes existem adaptações que não respeitam a originalidade do texto, tornando uma adaptação fácil e julgada como extrema audácia, o que não deve ser levada a julgamento, pois afinal, se trata de uma nova interpretação e uma nova visão, e cada indivíduo coloca sua individualidade e seu ponto de vista como bem entender.

Conforme Castro (1993, p.58) “o artista cria o texto de forma que ele se abra a várias interpretações e sentidos, permitindo ao leitor descobrir novos caminhos para entender a mensagem. Essa interpretação do autor permite que a capacidade de instigar o leitor.

Em virtude disto, muitas adaptações/reescrituras de clássicos da literatura são feitas visando o aumento de leitores e o alcance do conhecimento prévio e, por muitas vezes, superficial da obra clássica. Em resultado, os leitores/alunos se beneficiam das adaptações quando o mesmo ainda não tem maturidade e vivência o suficiente para que um clássico literário em sua forma integral, o possa integrar conhecimentos efetivos e primordiais. (ARANA, LORENTI, ALBANO E FERREIRA, 2014, p. 741).

Mesmo que se trate de uma adaptação de uma outra obra, o seu contexto pode ser lido de diversas formas, como o público da leitura, as condições sociais diferentes em cada época. Devemos observar e respeitar a identidade do autor em intertextualizar com o livro inspirador, mesmo que a leitura de obras adaptados não supere ou substitua a originalidade do clássico. Aliás, o que seria da nossa literatura se não fosse permitida as releituras, sendo que todo texto é a inter-relação de vários outros textos.

Releitura no âmbito do Fazer Artístico significa fazer a obra de novo, acrescentando ou retirando informações. Não é cópia. Cópia é a reprodução da obra. Rer ler uma obra subentende adquirir conhecimento sobre o artista e a contextualização histórica. É uma nova visão, uma nova leitura sobre a obra já existente, uma nova produção com outro significado. O produto final da releitura pode levar ou não ao reconhecimento da obra escolhida. Rer ler é interpretar a obra, é colocar sua visão de mundo, suas críticas, sua linguagem e suas experiências sobre a obra escolhida (RANGEL, 2004, p. 48).

Em todas as formas possíveis, a leitura e releitura de obras são importantes tanto para o autor como para o leitor. Cada indivíduo tem uma forma diferente de entender algo, o que se espera é alguém que consiga revelar a sua opinião e interpretação para a inspiração de outros leitores. A releitura também uma ótima oportunidade para estudar e analisar a obra de um artista, tanto o tema, a técnica a época em que viver, a inspiração artística que recebeu.

Desta forma, compreende-se que os clássicos, continuam a tradição de serem repassados de geração para geração e arte cinematográfica tem realmente se incumbido deste papel, além de estar incentivando a leitura. Exemplifica-se com:

A fantástica fábrica de chocolate, releitura do livro infantil, e linguagem fácil e espontânea, com detalhadas descrições, de autoria de Roald Dahl, escrito em 1964. A releitura deste clássico apresenta o dono da maior fábrica de doces do planeta. Uma das cinco crianças encontra o convite dourado nas barras de chocolate, para visitar o local depois de quinze anos não ser visitado por ninguém, mas lá passam por momentos bem difíceis.

Sua primeira releitura para o cinema aconteceu em 1971, não se mantendo totalmente fiel ao livro, pois, apesar da ação dentro da fábrica se manter a mesma, bem como, sua localização da fábrica e a nacionalidade de Charlie, o protagonista, permanecerem desconhecidas, não existe a figura do pai de Charlie, foram adicionado um humor mais maduro à narrativa e são dadas nacionalidades aos

personagens e com adicionado um problema moral que Charlie precisou resolver para ganhar o prêmio.

A releitura de 2005 foi mais fiel ao livro. A família de Charlie aparece completa, assim como são mostradas as histórias que o vovô Joe conta para ele Charlie. Mas, no livro não há uma explicação do passado de Willy Wonka. É possível também observar um diálogo com a releitura de 1971 com a apresentação das nacionalidades das personagens.

Perez (2000) comenta que os enredos dos clássicos infantis e infanto-juvenis explicitam simbolicamente conflitos e expressam a maneira particular de entender o mundo em que vivem as crianças, bem como ,ansiedades, necessidades de afeto e aprovação, rivalidade, rejeição, abandono, medo, entre outros.

Malévola é uma releitura do clássico Bela Adormecida, mas neste a protagonista é a bruxa cuja narrativa mostra como está se tornou má e amaldiçoou a vida de Aurora, filha do homem que a abandonou no passado. No entanto, aos poucos, Malévola desenvolve um sentimento pela doce Aurora. Conforme nos clássicos, Aurora que caiu em sono profundo, também só pode ser salva por um beijo de amor verdadeiro. Ressalta-se que a primeira releitura da bela adormecida foi de Charles Perrault, em 1697, mas releitura mais conhecida é dos irmãos Grimm, em 1812.

A garota da capa vermelha trata-se de releitura do clássico Chapeuzinho Vermelho de autoria dos irmãos Grimm. Essa releitura tem um cunho mais sombrio, conta a história de uma moça que é apaixonada desde menina pelo lenhador. Para viver esse romance decide fugir com ele mas sua irmã é assassinada pelo lobo mal que aterroriza a vila a muito tempo. Um padre é chamado para acabar com o lobo. Mas, essa releitura leva a refletir o pensamento de Lomardo, (1994, p.41) que tem como opinião que o poder de comunicação do conto "estará tanto mais preservado quanto mais sejam mantidos seus elementos simbólicos e estruturais".

Alice no país das maravilhas de autoria de Lewis Carroll, em uma das suas releituras a protagonista, ao invés de uma criança, uma jovem que desiste de seu casamento e resolve seguir um coelho branco apressado. Ela cai num buraco que a leva ao País das Maravilhas, no qual já esteve por lá há dez anos, mas não se lembra. Lá é recepcionada pelo Chapeleiro Maluco e passa a lidar com seres mágicos. Em 2016, foi lançado Alice Através do Espelho.

Peter Pan, na adaptação de 2003 um garoto que acredita em fadas e não quer crescer. Mas na releitura de 2015, um garoto que vive na Terra do Nunca, junto com os meninos perdidos, que caíram do carrinho da babá e da Fada Sininho. Um dia Peter chamou seus irmãos para um passeio na Terra do Nunca, onde lutam contra o Capitão Ganho.

A fera conta a história de um rico e belo jovem bonito que achava que aparência é o mais importante na vida. A personagem Kendra foi humilhada por ele. Por vingança lançou-lhe um feitiço, que dura um ano, que transfigura seu rosto. Ele só pode se librar desse feitiço se conseguir que alguém lhe ame sem se importar.

A nova Cinderela a primeira releitura para o cinema foi em 2004 contando que a mocinha após perder seu pai, torna-se uma escrava da madrasta trabalhando na lanchonete da família. Conhece seu amor no baile da escola e como no clássico, tinha que voltar para casa a meia noite. O rapaz a procura desesperadamente durante a semana pela escola. A moça decepciona-se a saber que o seu amado é na verdade o garoto rico e popular da escola, o que do interesse das suas meio irmãs. No final, como no tradicional, acabam felizes para sempre.

Em 2008, a releitura apresentada mostra uma garota que encontra seu amado, um cantor pop, também no baile da escola. Ela foge também a meia noite deixando cair, não o sapatinho de cristal, mas sim, seu MP3. O moço movimenta o colégio para encontrar essa garota, mas é atrapalhado por muitas garotas que são suas fãs e pela madrasta. No final feliz, além de conseguir ficar com ele ainda ganha uma bolsa sonhada para uma escola de dança.

Era Uma Vez Uma Canção, terceira releitura de Kate, que sonha em ser artista. De acordo com Souza (2013) ela coloca seu CD na pasta de um produtor famoso, que é pai do Luke, garoto cobiçado da escola, por que é apaixonada. No entanto, sua irmã, que também quer ser cantora, mas não tem voz, como as meia irmãs da Cinderela que não tinham beleza, faz muitas artimanhas para atrapalhar a moça. No final feliz e resolve acabar com o sonho de Kate. No clássico final feliz tudo se resolve. **E Se O Sapato Servir**, a quarta releitura citada, garotas fazem teste para concorrer a vaga de Cinderela em um musical. Tessa, a protagonista, vai acompanhar sua meia irmã e resolve participar da audição fingindo ser outra garota.

Souza (2013) comenta sobre outra releitura do conto "Branca de Neve" pelo filme *Branca de Neve e o caçador*, de 2012. Nesta adaptação Branca de Neve é uma

guerreira que veste armadura, lutando pelo seu reino ao lado de um caçador, um herói marginal.

O filme **Espelho, Espelho, Meu**, 2012, faz uma releitura da história de Branca de Neve. Nesta releitura, comenta Souza (2013), que a Branca de Neve não é passiva, é uma princesa corajosa, é determinada, destemida, enfrenta desafios que aparecem no caminho e enfrenta e derrota a madrasta. É uma garota muito esperta e não se deixa enganar comendo a maçã envenenada, diferente do príncipe, que é ingênuo e bebe uma poção mágica preparada pela madrasta. Além disso, é Branca de Neve quem salva e que beija o príncipe.

Souza (2013) ainda explica que que inversões como essas produzem sentidos ideológicos, ao descentralizar esferas de poder, de classe social e de gênero, e, que por meio dessa nova alegoria meninas também podem ser heroínas de suas próprias histórias.

E isso é importantíssimo e uma grande mudança de cenário. Enquanto nos contos “tradicionais” o príncipe salva a princesa como forma de ganhá-la como prêmio (não consigo me lembrar de pelo menos uma história em que o desfecho não seja o casamento entre o salvador e a resgatada), aqui vemos o verdadeiro significado do heroísmo (SOUZA, 2013, p. 36).

Os contos de fadas podem trazer inúmeras interpretações e segundo Swain, (1994) suas histórias podem se constituir de forma atualizada, criando, produzindo, retomando fazendo circular sentidos símbolos, imagens e representações para o imaginário social.

Sendo a intertextualidade um cruzamento de um texto com outro ou outros, na atualidade seu conceito e a utilização está em todas e entre todas as arte é uma constatação, e a Literatura marca presença em todas as manifestações artísticas possíveis, o que se deve ao exercício constante da comparação, levando ao estabelecimento de aproximações entre as criações.

No cotidiano da arte a intertextualidade aparece para referência, homenagem ou paródia. “A arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos” (SANT’ANNA, 2007, p. 7).

A paródia estabelece um diálogo com o texto fonte por meio da inversão, geralmente com intenção crítica. Nesse sentido, remete-se a Hutcheon (1984, p.39) que pontua que uma paródia “é, fundamentalmente, dupla e dividida; a sua

ambivalência brota dos impulsos duais de forças conservadoras e revolucionárias que são inerentes à sua natureza, como transgressão autorizada”.

Ressalta-se que os filmes intensificam ainda mais a paródia, porque parodiam também os filmes da Disney como Branca de Neve e os Sete Anões (1937), A Bela e a Fera (1956), Cinderela (1950), A Bela Adormecida (1959), entre outros (SOUZA, 2013).

Jenny (1976 *apud* HUTCHEON, 1984, p.39) chama a atenção afirmando que para a paródia ser bem sucedida e reconhecida “deve haver certos códigos comuns entre o codificador e o decodificador”.

Um exemplo bastante interessante aponta para a releitura do gênero conto de fadas. Na narrativa Shrek, do escritor norte-americano William Steig, publicada em 1990, e adaptações cinematográficas entre os anos de 2001 e 2010. Explana Souza (2013) que Steig realiza a releitura do gênero conto de fadas e tanto na sua narrativa quanto no filme, o protagonista é um ogro que procura uma determinada princesa, casa-se com ela e vive feliz para sempre. No entanto, a diferença está no distanciamento dos padrões dos contos de fadas tradicionais, visto, o príncipe sempre é um belo rapaz e não um ogro verde, o que demonstra a ironia, uma paródia em oposição ao conto

A paródia, informa Hutcheon (1984, p. 19) “apropria-se das convenções de um período anterior e dá-lhes novo sentido.” Portanto, observa-se que tanto o livro quanto no filme há elementos tradicionais dos contos de fadas presentes na narrativa, mas, tanto o livro quanto os filmes invertem os padrões tradicionais, visto que a narrativa de Steig promove uma paródia ao gênero conto de fadas parodia

“As formas paródicas, cheias de duplicidades, jogam com as tensões criadas pela consciência histórica” (HUTCHEON, 1984, p. 15). Aliás, vale ressaltar, que está muito comum nos dias atuais, releituras de diversos textos, muitos sendo parodiados, outros não, mas sempre com algum elemento novo e contextualizado para o presente, provavelmente para atrair leitores ou espectadores.

Temos assistido, desde as duas últimas décadas do século 20, à releitura do gênero conto de fadas tanto na literatura destinada às crianças como no cinema em geral, e no de animação, em particular. Percebemos que o procedimento paródico está presente no processo de releitura, sendo contemplados nesse gesto alguns dos aspectos dos contos de fadas tradicionais, sendo deixados intactos outros elementos (SOUZA, 2013, p. 8).

Na releitura realizada para o filme Shrek aparecem diversas referências da literatura Infantil e juvenil como o Gato de Botas, como Rapunzel, Branca de Neve, Cinderela, todos misturados e parodiados.

Segundo afirma Propp (1983), que as personagens da releitura dos contos, apesar das diferenças, das paródias ou das ironias, ainda cumprem as mesmas ações do contos tradicionais. Papéis são invertidos mas “[...] a questão de saber o que fazem as personagens é a única que importa; quem faz qualquer coisa e como o faz são questões acessórias” (PROPP, 1983, p.58).

Na história, que tem como personagem principal e protagonista um ogro verde, que parte em busca de uma princesa e casa-se com ela, podemos perceber que há um distanciamento dos padrões dos contos de fadas tradicionais. Há elementos tradicionais dos contos de fadas presentes na narrativa Shrek, de William Steig, como também no filme, ou seja, em ambos há elementos que invertem alguns padrões estabelecidos pela tradição.

Nos filmes sobre Shrek, explica Souza (2013), a intertextualidade se manifesta por meio de referências a outros contos de fadas, a filmes de super-heróis e a músicas de filmes de ação. Tem a paródia como recurso intertextual mais importante, ressalta. Inclusive, na contemporaneidade, diversas obras literárias tem recebido releituras e muitas com o recurso da paródia.

Sant’anna (2007, p. 7) nos chama a atenção para constar que tem sido recorrente a necessidade de se voltar ao passado trazendo-o para os dias atuais com algum elemento novo, contextualizando-o, ou seja, a “arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos.”

Nessa mesma constatação, Hutcheon (1984, p. 19) afirma que a produção moderna reconhece que a mudança implica continuidade, isso, por meio de processo de transferência e reorganização do passado. “As suas formas paródicas, cheias de duplicidades, jogam com as tensões criadas pela consciência histórica”.

Sant’anna (2008, p. 28) completaria essa ideia ao proferir que “quando uma obra se utiliza de textos de outras obras para compor o seu, mas diferenciando-se dele em algum aspecto e assim promove a paródia ou “intertextualidade das diferenças”

Em suma, o objetivo de uma releitura de alguma obra literária intuitivo é sempre fazer o melhor aproveitamento do conteúdo do livro, tentando ao mesmo tempo caracterização do própria época.

Uma leitura é uma releitura, assim, toda releitura atua na contribuição significativa de um autor para outro e, principalmente, contribuição para o leitor, ou expectador ou ouvinte, que realizam uma rica troca de interpretações.

2.4 RELEVÂNCIA METODOLÓGICA DA RELEITURA LITERÁRIA

Nesse tópico dedicou-se nesse tópico a deixar alguns apontamentos quanto a relevância metodológica da releitura de obras literárias para o âmbito escolar, nas aulas de língua portuguesa ou de Literatura.

Linguagem, escrita e escola constituem realidades indissociáveis. É na escola que o indivíduo adquire e desenvolve as competências de uso desta variedade da linguagem verbal, e o modo como as usa nos variados contextos em que se insere quotidianamente para o cumprimento de um objetivo que a sociedade lhe atribui.

Um dos principais papéis da escrita na escola, e que faz dela um importante fator de sucesso nesse contexto, tem a ver com a explicitação de conhecimento em contexto pedagógico, com particular relevo para as situações de avaliação. Estas, na sua maioria, pressupõem o recurso à escrita. Daqui decorre que a obtenção de bons resultados não depende exclusivamente da posse do conhecimento adquirido, mas também da capacidade de o veicular por escrito (CARVALHO, 2013, p. 196).

Almeida (2012, p.27) esclarece que a abordagem textual retoma e acompanha o processo instaurador da reflexão de expresso em escritos. Desse modo, o aluno aprende a estudar e a buscar saídas por meio da leitura e análise de obras escritas que lhe revelam o pensamento do autor, suas interações, seus propósitos.

A leitura constitui o elemento fundamental na estruturação do ensino [...] uma vez que está no começo da aprendizagem e conduz às outras etapas do conhecimento. E, nesse sentido, cabe destacar o fator emocional que a leitura mobiliza, visto a relação afetiva que se estabelece entre texto e leitor. (ZILBERMAN, 1999, p.79).

É possível afirmar-se que toda leitura que fazemos, de certa forma, é intertextual, pois fazemos associações a outras leituras. Pelo fato de o texto ser um

processo de citações, a intertextualidade passa a ser uma atualização da inter-relação, permitindo conhecer a essência da literatura enquanto memória do mundo.

A intertextualidade literária está ligada aos aspectos culturais, trazendo à tona diferentes olhares sobre o mesmo tema. Ela cria novos meios de conhecimento e compreensão para um texto literário.

Cury (1995 p. 43), afirma que “o fenômeno da intertextualidade se manifesta de forma tão abrangente, que não existe uma forma de desconsiderar a importância da mesma como objeto de estudo e a natureza transdisciplinar de sua compreensão possível, promovendo a explicitação do implícito, competência necessária para a compreensão estabelecidas entre textos literários.

Diversos autores utilizam textos já existentes e reconhecidos, chamados de textos fontes, para servir de base para suas novas criações. Contribuem assim para o enriquecimento da exploração de um determinado tema, e a criação de um novo texto que futuramente irá servir como base para novas produções, atividade que pode ser realizada em sala de aula por um aluno, a nível de exercitação de capacidades.

Ler é comparar, processo que move para muito além do que imaginamos, num plano de fundo que é a Literatura. O ato do exercício da comparação de obras literárias impõe-se espontaneamente, pois na consciência, o interesse de um indivíduo é ativado diante de qualquer novidade, de modo a levar uma obra a ser reconhecida e contextualizada a partir de experiências anteriores. Tal atividade promove o estabelecimento da relação leitor/leitura e leitor/obra, culminado com a facilitação do processo de escrita discente.

[...] a leitura – seja qual for seu objetivo- é uma atividade bastante complexa cuja metodologia de ensino (a partir da alfabetização) tem variado grandemente. Podemos dizer, no entanto, que não só no Brasil como em quase todo mundo novos métodos – mesmo os mais sofisticados - não tem surtido o efeito esperado: são constantes as queixas que até o universitário lê pouco e mal (CUNHA, 1982, p. 66).

Por meio de uma abordagem que trabalhe a releitura literária, o aluno encontra experiências humanas de diferentes pontos de vista. A leitura irá estabilizar e estruturar as categorias interpretativas desse indivíduo, melhorá-las e aguçar o seu eu interior. É evidente que quanto o indivíduo cresce, mais elementos de referências ele terá em sua disposição e maior ficará sua experiência intertextual.

Uma experiência intertextual advinda da leitura de obras literárias derivadas aponta para o crescimento intelectual. A interpretação se dá pela comparação e pelos

encontros e desencontros de sentidos e deve ser feita dentro do amplo domínio dos campos discursivos que o circundam.

Almeida (2012, p.27) explica que a abordagem textual “por si só transforma a análise e a leitura de textos um debate animado”. Pela abordagem textual, o aluno pode buscar exemplos concretos do pensar expresso nas obras, tendo em vista um novo pensar.

Considerada um conteúdo escolar que encerra um elevado grau de dificuldade, por parte de muitos alunos, por envolver inúmeras tarefas que envolvem o recurso à escrita, esta assume na atualidade uma grande dimensão diante do desenvolvimento tecnológico, novos contextos e novos gêneros textuais.

Ler induz o leitor a pensar melhor e a escrever com mais clareza e espontaneidade. O pensar leva-o à leitura mais profunda e à escrita mais rápida e o escrever provoca leituras mais intensas e a pensar com mais equilíbrio. “Enfim, ler, pensar e escrever, motivam qualquer aprendiz a gostar de aprender (ALMEIDA, 2012, p.116).

A colocação da aprendizagem da escrita no contexto da intertextualidade abrange o resultado de uma reflexão de natureza eminentemente social. Afirma Almeida (2012, p.116) que “as ações de ler, pensar e escrever se completam, obter essa competência é obter a chave do mundo interior, ter acesso a si mesmo”, e aos outros, bem como, pensar, compreender e elaborar nossa própria subjetividade no mundo. Enfim, a leitura e a escrita nos conectam com o mundo.

Esse emaranhado de interpelação à nossa volta nos leva a refletir sobre nossas dificuldades como leitor e escritor. A intertextualidade revela características maiores do processo cultural que é passada para a sociedade contemporânea, sua importância de destaca em vários sentidos.

Ler e escrever são fundamentais para a inserção social. Barthes destaca que o leitor encontra sentido ao texto no processo de leitura. “O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 1988, p. 70).

Tudo que nos rodeia gira em torno da leitura e da escrita, o que remete a reflexão de Orlandi (2000, p. 11), que pontua que “saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, e, o que constitui significativamente”.

Ressalta-se que a influência da intertextualidade está presente em todo o processo de leitura que desemboca na escrita, pois o processo da leitura intertextual, recurso que posiciona articulação dos saberes, é instigante e incentiva futuros escritores.

O texto só se completa para o escritor no ato da leitura, o mesmo acontece para o leitor onde seu ato só se concretiza da escrita, se consolida assim a importância do fenômeno intertextual.

Leffa (1996) afirma que, além das competências fundamentais para o ato da leitura, leitor, no caso, o aluno, precisa possuir, a intenção de ler. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, então motivada pelo interesse por uma atividade educativa prazerosa.

A intertextualidade é uma rede de memórias de outros textos, e tem funções diferentes que dependem dos textos e contextos em que estão inseridos, mais especificamente, conforme Leffa (1996), o gosto pela leitura, por exemplo, se intensifica quando o aluno consegue, a partir de seu conhecimento prévio de mundo, fazer uma ligação do real com os signos dispostos na sua mente para interagir diretamente com o texto.

Antunes (2003, p.77 *apud* LDB, 1996, p.73) corrobora orientando que é preciso ter em mente que o grau de familiaridade do leitor com o conteúdo “veiculado pelo texto, interfere no modo de realizar a leitura”.

Em suma, o papel da escrita remete a estruturação do conhecimento, ferramenta de aprendizagem para o aluno na Educação Básica e para atividades futuras de um acadêmico. Espera-se que antes disso, que o aluno ao decorrer das séries, domine as técnicas da escrita em projetos, resumos, organização do pensamento que surge através do sujeito linguístico e à configuração de todo o conhecimento que o sistema de ensino inclui na prática.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a produção deste estudo consultou-se apontamentos sobre metodologia do trabalho científico em materiais disponibilizados por Severino (2007), Thiollent, (2009), Castro (1976) e Gil (2007) e Fonseca (2002).

Segundo Fonseca (2002) qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, por ser o a base de qualquer tipo de investigação de cunho científico que permite que o pesquisador conheça melhor o conteúdo abordado. Desta forma, como procedimento técnico apresenta-se pesquisa bibliográfica realizada a partir do levantamento de referencial teórico publicados em teses, artigos, web sites e livros.

Portanto, a fundamentação deste trabalho de conclusão de curso buscou informações quanto a definição de Literatura Comparada, os aspectos gerais de intertextualidade literária e sua utilização para a construção de novos textos e sobre releitura de obras literárias. Os principais autores pesquisados são Carvalhal (2006), Bakhtin (2002), Compagnon (2003) e Orlandi (1999), Umbach,(2011), entre outros.

Quanto à sua natureza esta pesquisa figura como básica e quanto ao seu objetivo é exploratória, que de acordo com Gil (2007, p 27) “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Assim, proporciona maior familiaridade com o problema levantando dados bibliográficos analisando e construindo a compreensão.

A abordagem da pesquisa realizada se caracteriza como qualitativa, pois estuda as situações a construção de teorias e pela coleta de dado produz textos interpretados por meio de análise. Para Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se apenas na compreensão e explicação do estudo realizado com as relações de análise comparativa.

3.2 CARACTERIZACAO DOS OBJETOS DE ESTUDO E ANALISE

Ao termino da coleta do referido material bibliográfico e da redação da fundamentação teórica, obteve-se conhecimentos suficientes para que nos resultados

e discussões desta monografia fosse realizada uma análise quanto aos aspectos derivacionais e intertextuais perceptíveis na obra “O retorno do jovem príncipe”, de autoria de Alejandro Guillermo Roemmers, contando para isso, com o método de comparação com a obra “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry.

O Pequeno Príncipe é um clássico da literatura, conhecido em todo o mundo, publicado pelo escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, em 1943. Saint-Exupéry nasceu em Lyon, na França, o terceiro filho do Conde Saint-Exupéry e da condessa Marie Fascolombe. O autor foi escritor, ilustrador e piloto.

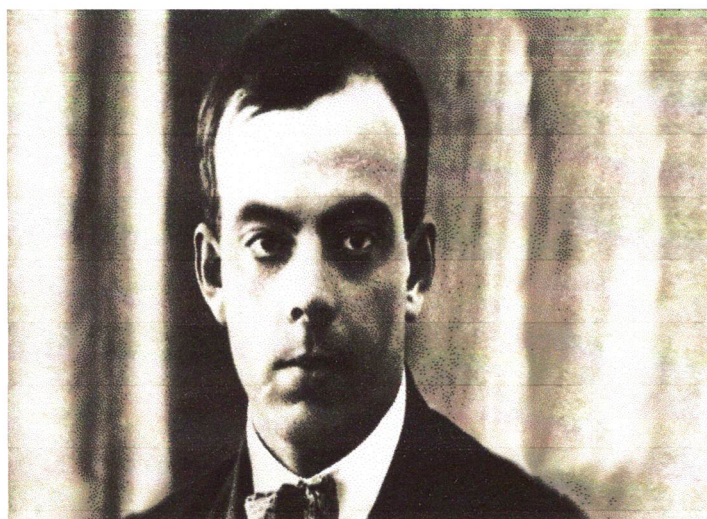


Ilustração 1 – Antoine de Saint-Exupéry. Fonte: www.blogestantevirtual.com.br

O referido autor, ingressou no serviço militar em 1921 e tornou-se piloto civil e subtenente da reserva. Em 1926 publicou o livro “O aviador”. Com a invasão dos nazistas fugiu para os Estados Unidos e nesse período escreveu várias obras que falavam sobre sua paixão, a aviação.

No ano de 1944, veio a falecer abatido por um cassia alemão. Mas no anterior, 1943, escreveu um de seus livros mais importantes “O Pequeno Príncipe”, rico em simbolismo e traduzido no mundo inteiro.

A obra O pequeno Príncipe é marcada por alto teor filosófico e poético, encantando adultos e crianças. O personagem narrador, conta sobre o dia em que seu avião teria caído no deserto do Saara. E em sua primeira noite no deserto, ao despertar se depara com o Pequeno Príncipe que lhe pede para desenhar um carneiro.

O narrador explica sua experiência falha com os desenhos, por ser motivado quando criança a desistir de uma carreira promissora de desenhista, e ser incentivado

e estudar e pensar em outra área para atuar depois de não terem compreendido seu desenho de um elefante sendo engolido por uma jiboia, encontra no pequeno príncipe alguém que finalmente entende a sua imagem real, perdida em meio a cegueira dos adultos.



Ilustração 2 – O livro O pequeno príncipe traduzido. Fonte: www.amazon.com.br

Ao longo da história, o Pequeno Príncipe vai narrando as suas aventuras até chegar na terra, falando sobre os planetas que tinha encontrado em sua jornada e diversos personagens que nos mostra as inquietações que o autor observava nas atitudes dos adultos.

Nesses exemplos se destacam um rei que acreditava fervorosamente que era venerado por todos em sua volta, mas que na verdade se encontrava sozinho em seu planeta; o vaidoso que acreditava ser admirado e digno de todos os elogios por ser o mais bem vestido, rico e inteligente de seu planeta; o bêbado que se embriagava constantemente para não lembrar que era um bêbado; o empresário que trabalhava sem cessar, e assim não encontrava tempo nem para ele mesmo; o acendedor de lampiões que se vivia apenas para cumprir sua função em acender o lampião; um geógrafo que nem mesmo conhecia as extremidades e contornos geográficos de seu próprio planeta; a terra o planeta diferente e com vários homens em sua imensidão; a

serpente que por sua inocência lhe concede uma picada para regressar seu asteroide o B612- figuras essas que se depara ao longo de sua viagem.

O jovem estaria à procura de um carneiro para comer ervas e baobás que cresciam em excesso em seu planeta, deixando para trás a sua bela rosa vermelha e três vulcões, sendo um deles inativo. Ao ouvir as aventuras do Pequeno Príncipe, o protagonista vai refletindo sobre as pessoas e as coisas que elas deixam de dar valor, que são as pequenas coisas da vida.

O Pequeno Príncipe é um dos livros mais traduzidos e vendidos do mundo, por volta de 80 milhões de volumes, editado por pelo menos 500 vezes e traduzido por mais de 160 idiomas. Já ganhou várias peças teatrais, filme, espetáculos musicais, adaptações e releituras, como no caso “O Retorno do Jovem Príncipe”.

O Retorno do Jovem Príncipe é uma obra publicada pelo autor Alejandro Guillermo Roemmers, no ano de 2008, em Buenos Aires, encantado com a história que Saint escreveu, dedicou-se criar uma experiência narrativa que apresenta Príncipe já adolescente, mas, entendendo o verdadeiro sentimento de permanecer com a essência de uma criança.

Alejandro Guillermo Roemmers nasceu em Buenos Aires , Argentina ,no dia 11 de fevereiro de 1958. É um escritor e empresário argentino da indústria farmacêutica, filho de Alberto WH Roemmers e Hebe Colman. A Sociedade Argentina de Escritores(SADE), nomeou-o embaixador das letras argentinas por sua transcendência como escritor.



Ilustração 3 – Alejandro Guillermo Roemmers. Fonte: www.elimparcial.es

Em sua adolescência viveu e estudou na Espanha e se dedicou a fazer poemas, ganhando vários prêmios, um deles ainda jovem, com 19 anos. Mesmo sendo empresário nunca parou sua carreira de escritor, publica livros, receber prêmios e honrarias em várias partes do mundo, como Espanha , México, Itália e Chile.

Atualmente é presidente da Fundação Argentina para Poesia, presidente honorário da American Poetry Foundation, membro do Instituto Real de Cultura do México e membro honorário do Instituto Literário e Cultura Hispânica.

Em novembro de 2008 ele lançou seu livro de caráter filosófico, ou seja, "O Retorno do Jovem Príncipe", que se tornou um sucesso de vendas na Argentina. Este trabalho foi considerado pelos descendentes de Antoine de Saint-Exupery como um complemento espiritual para "O Pequeno Príncipe".

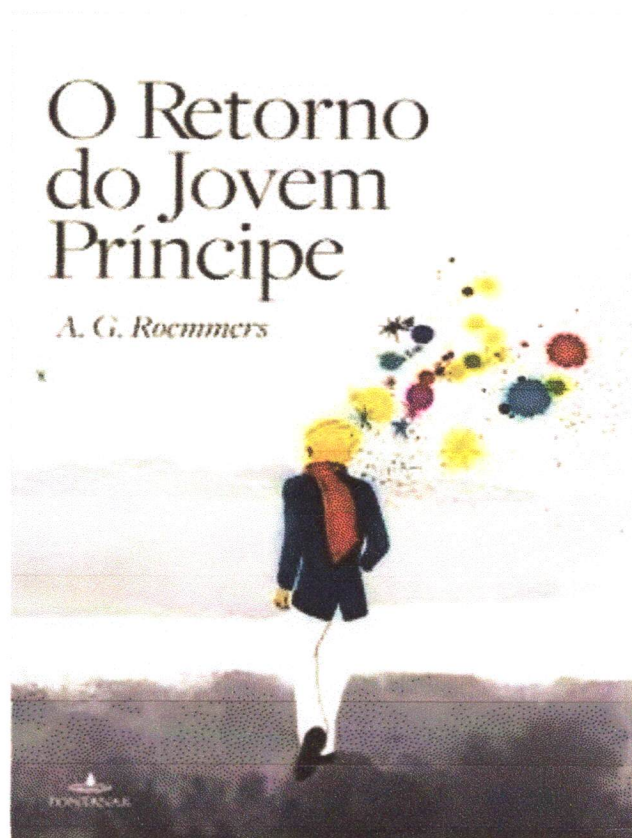


Ilustração 4 – Livro O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: www.estantevirtual.com.br

A obra é narrada pelo personagem narrador que explana sobre sua experiência ao encontrar O Pequeno Príncipe já adolescente. Com um pensamento humanista e bastante espiritualizado, relata sua viagem com o personagem que há décadas encanta gerações.

Ao encontrar o Príncipe adolescente deitado e desacordado em uma calçada da Patagônia, o narrador socorre o adolescente e o coloca dentro de seu carro e segue a viagem. Quando o rapaz acorda, o homem percebe que não se trata de um adolescente qualquer, e sim do famoso príncipe que cresceu e resolveu visitar o planeta para encontrar o aviador e esclarecer algo que não o deixava viver em paz no seu planeta.

Os dois viajantes embarcam em um grande diálogo em busca de um sentido para as respostas que cada um almeja encontrar, ou seja, grandes questões existenciais, tanto para o narrador em busca de respostas sobre o príncipe quanto para o próprio rapaz que necessitava encontrar as respostas para entender o seu amigo aviador, transformando a viagem em uma trajetória reflexiva, abrangendo assuntos do cotidiano, como a transição da inocência e a perda dela com a maturidade, bem como, assuntos de ordem bem intimista, como tristeza e alegria.

Discussões sobre ética, experiências, humanidade, guerra, crises econômicas, fome e consumismo são uns dos assuntos abordados ao longo do percurso. Influenciado pelo personagem em sua infância, o narrador se depara com um príncipe mudado, não é a mesma criança que conseguia ver o carneiro dentro da caixa como Saint o havia descrito em seu primeiro livro. Isso acontece depois que ele descobre que na caixa que seu grande amigo aviador tinha desenhado, não tinha o seu querido carneiro, e que estava vazia. Depois disso o príncipe se transforma em um jovem depressivo e desanimado, que não cuida mais do seu planeta e nem de sua rosa.

O jovem perde sua inocência por causa da maldosa erva daninha e abandona seu planeta e sua rosa murcha para encontrar seu amigo aviador na Terra e resolver as magoas de seu coração que o afligiam desde que descobrira a caixa vazia. Ao viajar com o narrador, o jovem percebe que não será tão fácil encontrar o aviador e com os conselhos que o narrador dá ao jovem depois de contar toda a sua tristeza, entende aos poucos as situações que acontecem em vida humana e os possíveis motivos de seu amigo em relação ao carneiro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ASPECTOS DERIVACIONAIS EM O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE

Ao analisarmos o livro “O Retorno do Jovem Príncipe”, de autoria de Alejandro Rommers, podemos perceber, desde o seu título, que se trata de uma derivação da obra “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint- Exupéry. Nota-se que existe um grande núcleo reflexivo de comparação e influência de um autor sobre outro, criando uma relação de personagens.

Ao deixar o seu grande tesouro em forma descrita, Saint-Exupéry, nas últimas frases do seu livro nos pede veemente:

“Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa dizendo que ele voltou...”
(Saint-Exupéry, p.95).

Alejandro Rommers nos presenteia com essa suposta continuação de experiência com o solicitado retorno Pequeno Príncipe. Observa-se o prefácio.

Em um mundo devastado pela guerra, que perdia rapidamente toda a inocência e alegria de viver, um ousado piloto francês, Antoine de Saint- Exupéry, lançou um livro, O Pequeno Príncipe, que logo se tornaria um emblema universal desses valores perdidos. Como muitos outros que leram O Pequeno Príncipe, eu também captei a simplicidade de sua mensagem e compartilhei a tristeza de Saint Exupéry quando o herói criança, que alcançara as profundezas de meu coração, foi obrigado a retornar a seu asteroide. Somente muito mais tarde entendi como o ódio, a ignorância, os nacionalismos exacerbados, a falta de solidariedade e uma visão materialista da vida, entre muitas outras ameaças, tornariam impossível sua vida em nosso planeta. (ROEMMERS, 2011, p.7).

Podemos perceber a nitidez do aspecto derivacional por se tratar de um autor que pegou como base um livro já existente e deu uma sequência. Rommers teve um contato direto com a obra O pequeno Príncipe, analisando desde os seus aspectos socioculturais, apontando uma época de guerra e descrença das pessoas, principalmente dos adultos, por falta de amor e valores.

Percebemos também em sua descrição, a captação da dramaticidade de Saint-Exupéry que também coloca todos os seus sentimentos e valores na obra e em todos os personagens destacados.

Assim, averiguando a mensagem que Saint-Exupéry repassou, ou seja, sobre tudo que se passava em sua volta e que impedia a vida no príncipe no planeta, deixa claro o seu ponto de partida inicial para a grande inspiração da obra de Roemmers foi o príncipe já na adolescência.

Somente mais tarde entendi como o ódio, a ignorância, os nacionalismos exacerbados, a falta de solidariedade e uma visão materialista da vida, entre muitas outras ameaças, tornariam impossível sua vida em nosso planeta. (ROEMMERS, 2011, p.7).

Levando em conta a mensagem do livro do autor primeiro, Roemmers coloca a sua percepção sobre os motivos do príncipe ter voltado para o seu planeta a partir das decisões de Saint-Exupéry em deixar implícito que sua vivência na terra iria corromper sua inocência.

Muitas vezes perguntei a mim mesmo, como talvez tenha feito, o que aconteceria com a criança tão especial se continuasse a viver entre nós. Como seria sua adolescência? Conseguiria preservar a inocência de seu coração? Levei muitos anos para conseguir responder a essas perguntas e, mesmo assim, talvez as respostas que encontrei sejam válidas [...] apenas para mim. Mas talvez (e esta é minha esperança) sirvam também para iluminar em parte o caminho da criança que trazemos dentro de nós (ROMMERS, 2011, p. 7-8)

Ler, entender, refletir e escrever o ponto de vista sobre determinado assunto é algo essencial no campo da Literatura. Vindo da abstração de novas obras o mais relevante é questionar sobre um novo conceito e tema para a releitura. Alejandro Roemmers, então, se questiona a partir da obra fonte I sobre as hipóteses de como teria sido se o rumo da história tivesse sido outra, questionamento esse que o leva a respostas que ele mesmo afirma, que talvez só sejam válidas para si mesmo, mas que também responderia as perguntas de milhares de outras pessoas que talvez teriam a mesma linha de pensamento .

Olhando para um passado remoto, abordado em linhas e páginas de uma obra de um século não tão distante, mas que mostra uma realidade parecida e até mesmo pior, o autor tenta ajudar o leitor a ter uma visão mais confiante sobre tal realidade atual de forma espiritualizada, assim como o piloto Saint nos fez refletir situações presentes em sua época. Na obra de Roemmers essas linhas dialogam com o leitor.

É com o propósito de ajuda-lo a ser menos infeliz, caro leitor, que me atrevo a lhe trazer uma visão mais positiva de nossa época, neste início de um novo século e de um novo milênio (ROEMMERS, 2011, p. 8).

Diferentemente dos métodos reflexivos que Saint- Exupéry teve em relação aos desenhos, Rommers nos mostra um outro lado em sua obra sobre esse fato. O jovem príncipe lamenta por não ter desenhos como os esperados por muitos, já que com o rótulo de continuação teria essas características marcantes de relato. No entanto, Roemmers decidiu por deixar de lado esse instrumento por perceber que as pessoas da nossa atualidade se concentram mais nas imagens do que nas palavras e momentos, ignorando a imaginação e atenção no contexto como um todo.

E é uma grande falha de minha parte não ter incluído alguns desenhos. Mais que uma envergonhada confissão de falta de talento artístico, porém minha decisão resulta em um profundo respeito por sua liberdade de imaginação, caro leitor. Espero que consiga enxergar através de minhas palavras como o Pequeno Príncipe era capaz de enxergar o carneiro dentro da caixa [...].(ROEMMERS , 2011, p.8).

Essa composição de criação de uma obra a partir de outra não nos obriga a necessariamente a deixar tudo como era, pois, se isso acontecesse não seria uma releitura, e sim plágio. A elaboração de uma obra contendo outra como base tem como principal característica a intertextualidade ao acrescentar algo novo e original a vigente releitura.

A ligação intertextual não está presente somente nos personagens inspirados, mas também nos pensamento e ponderações que vem a mente e que apresentam uma ligação de duas realidades diferentes, mas ao mesmo tempo bastante parecidas..

O autor deixa devidamente situada a sua colaboração de pensamentos surgidos durante a história.

“Espero também que você me perdoe a inclusão de pensamentos e considerações que me vieram à mente quando os eventos ocorreram, cuja existência eu quis deixar registrada ao encontrar a história. (ROEMMERS, 2011, p. 8).

Um dos sinais de ligação apresentado no livro, e que, rapidamente passaria despercebido, é o lugar onde Roemmers escolhe como ambiente ficcional para a sua obra “O Retorno do Jovem Príncipe”, ou seja, a Patagônia.

“Numerosas viagens me permitiram descobrir o quanto “Saint-Ex” é amado e conhecido naquela região” (ROEMMERS, 2011, p.64).

Mesmo sendo uma relação proximal situando apenas um lugar, isso nos mostra a intensidade de inspiração para tentar entender e presenciar os supostos lugares de entusiasmo, e experiência de mundo até chegar a um pensamento sensato sobre sua escrita.

Assim como Saint-Exupéry, Roemmers também fala da necessidade de conservarmos nossa alma de criança, para continuarmos a ser sensíveis as coisas belas da vida, às pessoas, à pureza dos sentimentos verdadeiros. Nos oferece a sabedoria o livro envolvido em um caminho de espiritualidade com um vínculo exuperiano um em direção ao outro.

4.2 QUESTÕES INTERTEXTUAIS EM O RETORNO DO JOVEM PRÍNCIPE

“O Retorno do Jovem Príncipe”, apresenta a citação de personagens presentes no livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. Mas, em diferentes momentos ao longo da história esses personagens terão comportamentos e pensamentos diferentes de um livro para outro.

Diferentemente do Pequeno Príncipe, em que o autor relata sobre sua triste experiência com desenhos e adultos, para em seguida falar sobre sua experiência no deserto do Saara.

Roemmers inicia sua obra narrando sua viagem de carro por uma estrada da Patagônia. No presente momento de sua narrativa não atribui nada similar a outra obra, o que muda em seguida quando o narrador se depara com um embrulho de aparência estranha.

Instintivamente reduzi a marcha e, para meu grande espanto, vi uma mecha de cabelos louros se projetando de um cobertor azul [...]. O que eu confundira com um cobertor era na verdade uma longa capa azul, com dragonas e ferro arroxeadado, sob a qual se entreviam calças brancas, semelhantes a calças de montaria, enfiadas num par de reluzentes botas de couro negro. A vestimenta principesca era incongruente naquelas latitudes. Um cachecol amarelo-pálido tremulava descuidadamente na brisa primaveril (ROEMMERS, 2011, p.9-10)

A descrição do príncipe aponta a relação entre os dois personagens, um quando criança, e o outro já adolescente. Ambos em épocas diferentes, mas com as características semelhantes do personagem, que seria a sua fisionomia principesca tanto na vestimenta quanto na aparência.

No livro de Saint, o príncipe é representado por uma imagem, por ter sido desmotivado desde pequena a desenhar.

Mesmo sem uma descrição sobre o príncipe, o autor usou a imagem para a detalhamento, diferente de Roemmers que descreve por completo a imagem do príncipe ao encontrá-lo.

Na imagem vemos que o príncipe tem cabelo loiros, pelo seu porte físico se trata de uma criança. Sua vestimenta é um tanto principesca com capa, calça, botas cano alto, ombreiras com acessórios dourados em formato de estrela.

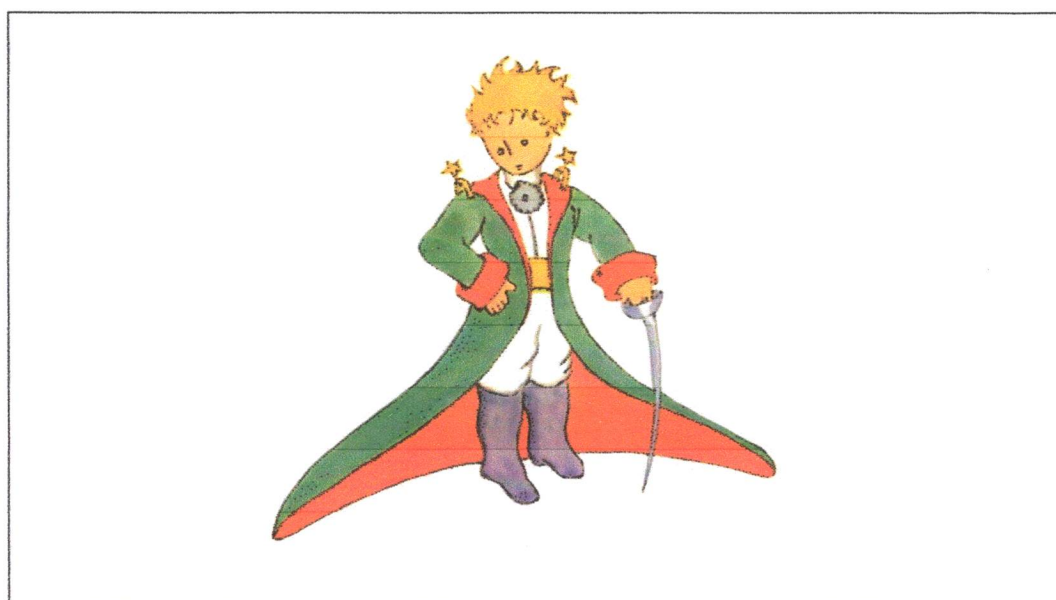


Ilustração 5 – O Pequeno Príncipe. Fonte: www.raciocinioclinico.com.br

E se ainda tivessem dúvidas que não se tratava de um príncipe, Saint- Exupéry afirma, *“E foi assim que conheci, um dia, o pequeno príncipe”* (SAINT- EXÚPERY, 2004, p. 15). Todos esses aspectos nos levam para um mesmo personagem, como particularidades em se tratando da aparência.

No decorrer do seu encontro com o Jovem Príncipe, o narrador mergulha em pensamentos de curiosidade sobre o rapaz que levava em seu carro, ambos personagens entram em uma conversa sobre o que seria uma estrada e o carro, já que o mesmo nunca havia visto algo parecido antes.

o narrador explica a função das estradas na Terra, e o príncipe refuta a opção de as pessoas se orientar pelos céus e pelas estrelas. Afirma que esse método funciona, mas com o cuidado que no dia a luz do sol pode ser forte e as pessoas podem correr o risco de ficar cegas se orientarem-se pelo céu.

“__Ah__ disse o jovem. __ Os cegos veem o que ninguém mais ousa ver. Eles devem ser as pessoas mais corajosas de todas” (ROEMMERS, 2011, p. 14).

Uma frase bem reflexiva e profunda, algo bem sábio vindo do príncipe adolescente, mas essa reflexão nos leva a uma comparação da obra inspiradora. Quando a raposa, personagem repleta de ensinamentos no clássico se encontra com o Pequeno Príncipe e o ensina sobre o significado de cativar, permite que o príncipe entenda os seus sentimentos sobre a rosa, um dos personagens centrais de sua história até a terra. Em sua despedida com a raposa, a mesma em sua fala, afirma que:

Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT- EXÚPERY, 2004, p. 72).

Vemos o que seria uma ligação entre a frase do livro “O pequeno Príncipe” em que aprende com o ponto de vista da raposa, e a segunda situação no livro “O Retorno do Jovem Príncipe” onde o príncipe já adolescente fala para o narrador.

A questão é que as vezes mesmo com os olhos não enxergamos o mais importante. Em diversas situações as pessoas se deixam levar pelo que veem e as conclusões precipitadas que fazem sobre alguém ou algo. Os cegos veem o que ninguém mais ousa ver porque nos enganamos com as aparências, temos pressa em

analisar as situações, mas deixamos passar despercebido o essencial, mais ainda, acrescentando o assunto do coração de alguém que tem a desvantagem e mesmo assim usa ao seu favor.

Essa concepção de reescrever está ligada a traduzir e adaptar. Permitiu a criatividade e liberdade de expressão usando uma frase marcante do livro, não se limitando a características fieis, mas sim respeitando o que o autor quis transmitir, de uma forma totalmente diferente, mas simbólica.

Continuando com a narrativa do motorista e o príncipe, ambos entram em uma conversa sobre problemas e como resolvê-los. O narrador em todo momento se mostra confiante nos seus ideais sobre as afirmações em relação ao assunto. Em certo momento o Jovem Príncipe cita novamente um dos personagens que conheceu em sua infância. Roemmers relata em sua narrativa:

Após um momento de silêncio, durante o qual pareceu que tinha um problema sem solução.

__Em minhas viagens, conheci alguém que tinha um problema sem solução.

__Ah, é? __comentei distraidamente.

__Era um homem que bebia para esquecer.

__Para esquecer o quê?

__Que estava cheio de vergonha e sentimento de culpa.

__Por que? __perguntei.

__Porque bebia __respondeu o jovem, fechando aquele intrigante círculo. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p. 21-22)

Entende-se desse modo, novamente a relação dos dois livros e de seus personagens. O jovem príncipe em sua conversa com o motorista narrador, coloca como exemplo o bêbado em que conhecera em um dos planetas pelo qual se deparou em sua primeira viagem para a terra, na sua infância. Como vemos no seguinte trecho do livro:

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita foi muito curta, mas deixou o príncipezinho mergulhado em uma profunda tristeza.

__O que fazes aí __ perguntou ele ao bêbado, que se encontrava silenciosamente acomodado diante de inúmeras garrafas vazias e diversas garrafas cheias.

__Eu bebo__ respondeu o bêbado, com ar triste.

__Por que é que bebes? – perguntou-lhe o pequeno príncipe.

__Para esquecer __ respondeu o beerrão.

__Esquecer o quê? __ indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena dele.

__Esquecer que eu tenho vergonha __ confessou o bêbado, baixando a cabeça.

__Vergonha de quê? __ perguntou o príncipe, que desejava socorrê-lo.

__Vergonha de beber! __ concluiu o beerrão, encerrando- se definitivamente no seu silêncio. (O pequeno Príncipe (O bêbado). Fonte: SAINT- EXUPÉRY, 2004, p. 44-45).

O personagem é um elemento envolvido com bebida e que se sentia envergonhado por beber. O Pequeno Príncipe fica intrigado com o bêbado ao mesmo tempo que sente pena. A relação entre os dois trechos faz que tenhamos certeza de sua inter-relação. O autor da releitura usa os seus personagens a favor de sua narrativa, ao relacionar o assunto “problema” em sua conversação com o príncipe, estimulando o mesmo a refletir sobre os erros que pode ter cometido em seu passado.

Trazendo esse tema para nossa atualidade, Roemmers usa a situação do príncipe e a do bêbado. Ele até mesmo usa o pobre bêbado para esclarecer as dúvidas que o Príncipe tinha sobre suas atitudes naquela época. Seu julgamento foi claro para uma criança inocente e que não entendia o comportamento dos adultos, como vemos em sua fala, “As pessoas grandes são delicadamente estranhas, muito estranhas”, dizia para si mesmo durante a viagem”. (SAINT- EXUPÉRY, 2004, p. 45).

Ao ler e interpretar a situação daquele príncipe inocente, com o encontro de um príncipe já adolescente, o narrador-autor usa o seu conhecimento de mundo e sua inspiração para ligar os fatos com a sua escrita. O príncipe não ter entendido o vício do bêbado o faz refletir sobre o seu julgamento, como o mesmo afirma na releitura Roemmers (2011, p. 22),

“__ Que ingenuidade a minha ter julgado ele como julguei! __ disse o jovem, arrependido. __ Talvez meu amor pudesse ter sido a chave para abrir a porta pela qual ele nunca passou”.

O autor claramente usa todo o tema em cima da cena do bêbado e do príncipe para sustenta os seus fundamentos sobre o início e continuidade de sua obra, que seria o “problema”, isso para desenrolar todos os ensinamentos de compreensão e amor ao próximo.

Ao contrário do clássico ao qual estamos familiarizados, Alejandro Roemmers tenta mostrar um outro lado da vida adulta, a realidade das pessoas, a realidade da vida. Mesmo que seja com tantos termos difíceis para um adolescente, sutilmente tenta explicar diversas situações que nos deparamos ao longo da vida, como a história do bêbado que apresenta justificativas para a atitude do homem, como a solidão, o sentimento de culpa, os problemas e punição a si mesmo por ter parado de se amar, ou por falta de amor.

A justificativa para a reflexão do Jovem Príncipe ao perceber que poderia ter ajudado o bêbado com o seu amor, é que o seu julgamento o impediu de ter alguma atitude em relação ao homem, e até mesmo os seus interesses pessoas por querer e procurar outras coisas, não pensou em perder tempo ajudando um homem que bebia e tinha atitudes estranhas para o Pequeno Príncipe. Aliás, o nem ele mesmo imaginou que seria um problema tão grande.

Continuando nessa lógica comparativa de obras, percebemos em seguida a concreta relação de influência de ambas. Momento que o autor cita uns dos personagens mais emblemáticos do clássico “O carneiro, a rosa e o aviador”. A produção cria um diálogo intertextual entre a obra de Saint e a obra de Roemmers, entre empréstimos entre autores na elaboração da mesma. Dando essa continuação de uma série infinitas citações:

Os carneiros também têm problemas?

__ Realmente não sei. Suponho que, para saber com certeza, eu teria que ter um carneiro, você não acha?

__ Você quer dizer que para saber os problemas de uma flor você tem que ser uma flor? (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.30)

O carneiro é um personagem apresentado no livro O Pequeno Príncipe. Quando o Pequeno Príncipe encontra o Aviador, pede que ele desenhe um carneiro como vemos no trecho:

“__por favor...desenha-me um carneiro...” (SAINT-EXUPÉRY, 2004, p. 12).

O piloto desenha uma caixa, afirmando que dentro dela estaria o carneiro, pois em várias tentativas de desenhos do animal tão desejado não tinha dado certo. A caixa simboliza a imaginação, e o poder que essa imaginação pode fazer em nossas vidas.

O carneiro dentro dele apresenta a dualidade entre o amor e o sofrimento para o príncipe, pois a sua finalidade é de comer os baobás e arbustos que poderiam destruir o pequeno planeta, se crescessem muito. O mesmo carneiro poderia muito bem comer a sua bela rosa, a quem queria tanto proteger, o que leva a observar que: poderia ser a solução e o sofrimento do garoto.

Assim como Saint, Roemmers usa o carneiro e a flor para desenrolar o enredo. O carneiro salvaria seu planeta dos baobás, e mesmo assim seria uma ameaça para a flor que tanto amava. Apontar os problemas das flores e do carneiro como forma de tentar entendê-los como um problema que sempre existiu no pensamento do príncipe.

Retratada como representação do amor, a flor é considerada orgulhosa e vaidosa. Como no planeta do Pequeno Príncipe só brotava arbustos e baobás, certo dia sua rosa surge toda linda, embelezando seu planeta, o príncipe cede aos seus caprichos, e cuida bem da Rosa. Ela faz com o que príncipe se questione sobre suas manhas e quando ele percebe que ela o atormenta com as suas vaidades, decide partir, deixando o seu planeta para trás.

Mesmo triste com aquele pequeno ser maravilhoso que era sua flor, já na Terra o príncipe pensa no destino da mesma com a presença do carneiro e a seu intensão era protegê-la de qualquer coisa que pudesse machucá-la, ao mesmo tempo que queria proteger seu planeta.

Há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo. E não será sério procurar compreender por que perdem tanto tempo fabricando espinhos inúteis? Não terá importância a guerra dos carneiros e das flores? Não será mais importante que

as contas do tal sujeito? E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo, que só existe no meu planeta, e que um belo dia um carneirinho pode liquidar num só golpe, sem avaliar o que faz, - isto não tem importância?(O Pequeno Príncipe. Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2004, p.29)

No diálogo entre o Pequeno Príncipe e o Aviador é observada por Rommers que utiliza esse fato para mostrar o problema com o Jovem Príncipe. Os carneiros comem qualquer folhagem que vê pela frente.

A sua flor o enganou e mentiu e em sua juventude a raposa o ajuda a perdoá-la, pois percebe que mesmo com todos os defeitos, ela era única. E somos eternamente responsáveis por quem cativamos. Alejandro Roemmers usa esse fator para desenvolver o seu discurso.

___ Se elas renunciassem à beleza e se escondessem, talvez não tivessem problema..., mas também já não seriam flores. ___ E concluiu: ___elas precisam da nossa admiração para serem felizes. Vaidade, essa é o problema delas.

Foi quando o olhar triste que eu já vira antes, e que desaparecera com seu surto de curiosidade, retornou a seus olhos.

___ De qualquer forma, os problemas dos carneiros e das flores não têm mais importância para mim. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.31)

Um assunto acaba puxando o outro, a colocação dos personagens como citação na conversa com o narrador faz com que o leitor relacione os acontecimentos passados com o futuro, se o Jovem Príncipe afirma que as flores e os carneiros não tem mais importância, isso significa que envolve o motivo da sua vinda a Terra, e que se trata do mesmo Príncipe que conhecemos.

Surge assim um confronto dos dois textos, proporcionando um diálogo entre as obras e os leitores. Esse trabalho de citações é um trabalho de reflexão do autor para apresentar sentido a tudo, sentido ao mundo.

Esse fenômeno se apresenta de uma forma tão abrangente que não existe uma forma de desconsiderar a importância. Como texto fonte, O Pequeno Príncipe serve como base para novas criações, assim como O Retorno do Jovem Príncipe pode servir

como inspiração para outras obras. Essa intertextualidade está ligada a diferentes formas de texto, principalmente e que é apresentada para a análise.

__Eu estou procurando uma pessoa que não vejo há muito tempo. Ele se parece um pouco com você, mas tem uma máquina voadora.

__Um avião? __perguntei, um tanto confuso.

__Sim, é isso, um avião.(O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.31)

O narrador aviador e o narrador motorista são as únicas pessoas que o Jovem príncipe conseguiu fazer amizade nas suas duas viagens a Terra. Quando o aviador era criança, ele tinha um sonho de ser artista, mas foi desencorajado por adultos à sua volta.

Apesar das suas dificuldades com desenho já adulto, o piloto faz vários desenhos para o Pequeno Príncipe e percebe que a sua imaginação e percepção de mundo são bem parecidas com a da criança.

O piloto vem para simbolizar a atitude de não desistir dos seus sonhos, lutar pelo que gosta. Sozinhos no deserto e trocando experiências de vida os dois se tornam amigos.

O Pequeno Príncipe volta para seu pequeno planeta por causa de sua pequena rosa que só tinha quatro pequenos espinhos para se defender. Depois que a criança volta para o seu planeta o aviador não encontra mais o Pequeno Príncipe, e acredita que ele tenha conseguido voltar para o seu planeta. Nunca mais encontra o pequeno, e decide escrever o livro para as pessoas saberem de sua existência e na esperança de alguém escrever sobre ele caso ele volte.

__ E como pretende encontrar esse homem?

__Ele me deu de presente estrelas que sabem rir __ respondeu ele em tom saudosos.

Por um momento, foi tomado por forte emoção. Notei que seus olhos estavam úmidos.

Foi quando eu tentava imaginar a figura de um aviador para quem as estrelas sorriam que percebi quem ele era. Claro! O carneiro, a flor, as estrelas, a capa azul!

Eu deveria ter percebido desde o início, mas estava trancado em meu próprio recôndito asteroide... (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.32)

O narrador percebe não se trata de qualquer príncipe, e sim do príncipe que tanto já tinha lido. Agora estava presente com um alguém que achava ser apenas um 'personagem de livro. Temos a volta do nosso querido Príncipe.

Mas as coisas mudaram, assim como ele mesmo, o tempo passou e já não era uma criança. E no desenrolar dos fatos observa-se que o autor usa de perguntas que Saint se faz no final do seu livro depois de anos do ocorrido no Deserto do Saara. Saint- Exupéry (2004, p. 91)

"Na mordaca que desenhei para o pequeno príncipe, esqueci de juntar a correia de couro! [...] E então eu pergunto: "O que terá acontecido no seu planeta? Talvez o carneiro tenha comido a flor..."

O príncipe jamais poderá prendê-la no carneiro, e o questionamento que ficou foi? O que aconteceu com a flor? O que aconteceu com o carneiro? Os pensamentos que Saint tem sobre seu amigo é as preocupações que o mesmo deve ter tido ou tem para proteger a flor, como vemos nesse trecho:

Às vezes penso: "Certamente que não! O príncipezinho guarda sua flor todas as noites na redoma de vidro e vigia atentamente seu carneiro..." então, eu me sinto feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Ou penso: "Às vezes a gente se distrai e isto basta! Uma noite ele esqueceu de colocar a redoma de vidro ou o carneiro saiu de mansinho, no meio da noite, sem que fosse notado..." E todos os guizos então se transformam em lágrimas" (O Pequeno Príncipe. Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2004, p.93)

A curiosidade do Piloto em saber o que tinha acontecido com o seu querido amigo depois de sua partida. Essa rede de memórias de outro texto proporciona na escrita uma estruturação de conhecimento e organização do pensamento através da intertextualidade e do processo cultural de um escritor contemporâneo. Para esclarecer tais perguntas o narrador ao saber de quem se tratava, questiona:

__ *Foi ele quem lhe deu o carneiro, não foi?*

Ambos sabíamos a respeito de quem estávamos falando, mas senti mágoa em sua expressão quando ele respondeu.

__ *Foi o que eu pensei na época. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.33).*

Como já havia citado, o aviador pede para quem encontrar com o príncipe, para escrever rapidamente dizendo que ele voltou. É visível a esperança de que o menino volte, mesmo que não seja para uma nossa experiência com o próprio piloto, mas que deseja saber do seu amigo.

Roemmers utiliza desses questionamentos e na tentativa de responde-las de acordo com o seu julgamento, explica a mudança do príncipe, a sua exaustão e porquê estava deitado na beira de uma estrada.

O Jovem Príncipe explica que certa manhã quando fazia a limpeza de seu planeta, uma erva daninha que estava prestes a arrancar do chão falou com ele. Na tentativa de se salvar a erva começou a fazer joguinhos com o príncipe, afirmando que era muito inteligente e útil, e que podia comer um grande erro ao arrancá-la. Ao despertar a curiosidade do príncipe, a erva causou um grande estrago.

__ *Se o senhor me arrancar, vai cometer um erro.*

__ *O que você quer dizer com "outro erro"? __ perguntou o Jovem Príncipe, suspeitando de alguma armadilha.*

__ *Um erro simples, Amo. O senhor acredita que há um carneiro naquela caixa, não acredita?*

__ *É claro que há um carneiro naquela caixa! __ exclamou o Jovem Príncipe, indignado. __ É um lindo carneiro branco que meu amigo da Terra me deu de presente. Infelizmente, por causa do desgosto que sentiu com a minha partida, ele se esqueceu de dar a focinheira e a coleira. Por isso não posso levar o carneiro para passear, porque ele pode escapar e comer a flor (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.35)*

Na tentativa de se salvar a erva daninha revela para o Príncipe a verdade sobre o carneiro. Desdobrou de sua folha uma fotografia de um real carneiro, e explicou para

o a imagem fazia uma reprodução exata de um carneiro, e que o animal seria muito maior do que a caixa que ele acha que estava.

O espanto ao saber que a caixa que seu amigo Aviador tinha lhe desenhado não tinha nenhum carneiro foi destruidor para o Príncipe. Roemmers (2011, p.36) "Naquele momento, o mundo do Jovem Príncipe desmoronou ao seu redor. Foi o dia mais triste de sua vida. Desde então, ele passou a desconfiar de tudo e de todos. E nenhum pôr do sol foi capaz de consolá-lo como antes

Ao contar sobre o carneiro, a erva seguiu com a sua realidade causadora de um grande sofrimento ao príncipe, suas palavras traiçoeiras fizeram com que o príncipe tivesse um olhar diferente para tudo, diferente do pensamento que tinha antes da erva aparecer. O Jovem Príncipe afirma que:

__Naquele momento em diante a erva me explicou coisas que eu não entendia antes. Ela me alertou sobre a manipulação maliciosa das flores e sobre o comportamento traiçoeiro das pessoas. Ela me apresentou às ciências da química e da física e explicou as últimas estatísticas e variáveis econômicas. Apesar disso, sem o meu carneiro, os dias ficaram mais longos e os crepúsculos mais tristes. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.37)

O Pequeno Príncipe, personagem eternizado com a representação da infância fragmentada na inconsciência de cada adulto, que simboliza o amor, esperança, e inocência, que tem uma grande ligação com o seu planeta, a sua flor, a o seu carneiros e vulcões têm sua imagem totalmente mudada na obra O Retorno do Jovem Príncipe.

Tudo mudou, o fato de a erva ter lhe dito todas aquelas coisas sobre o mundo, as pessoas e suas atitudes fez com que ele mudasse, por seus sentimentos terem mudado nada ao seu redor não tinha o mesmo brilho. Sem o carneiro os dias ficaram mais longos, o pôr do sol que tanto gostava de apreciar não tinha mais graça, não cuidava mais do seu planeta e nem de sua flor.

O pensamento de que seu amigo aviador tinha mentido vivia a afligi-lo, sonhava em voltar para a Terra, encontrar o Piloto e saber da verdade que o assombrava todos os dias depois que descobrira a verdade. Nem mesmo as estrelas riam mais, a tristeza tomava de conta e cansado do tormento eles decide ir em busca de uma resposta, era a única alternativa.

Na manhã seguinte, bem cedo, ele foi se despedir da flor, da qual ultimamente se sentia um pouco distante. Ela parecia pálida e murcha, como se a falta de atenção do Jovem Príncipe tivesse drenado sua vida.

__Adeus, estou partindo __ disse o Jovem Príncipe, mas a flor não respondeu.

Ele a afogou com as duas mãos, mas ela não se moveu. Agora nada mais o retinha.

Vários brotos de baobá haviam surgido ao lado da estrada, e o solo começara a estalar desde que ele deixara de limpar os vulcões. Mas nada parecia importante. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.39)

O mesmo príncipe que aprendeu a entender a sua rosa, e sempre pensou em protegê-las perdeu a razão e abandonou o que o fazia feliz. A rosa não recebeu mais atenção do príncipe, e isso drenou a sua alegria também. Perdeu um amigo que fazia as estrelas sorrirem, o carneiro que levava para passear a tarde, a flor que o alegrava com seus joguinhos e a sua beleza, e o seu planeta que provavelmente iria explodir com as erupções vulcânicas. Uma história realmente triste.

__Foi assim que começou minha jornada __continuou o Pequeno Príncipe, dando a entender que fora bem longe. __Finalmente cheguei a Terra e vim parar nesse lugar solitário. Os animais e as flores não falavam comigo quando eu era criança. Não encontrei nenhum ser humano para me orientar. Eu estava exausto. Sem saber para onde ir, deitei naquele lugar onde você me encontrou... (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.40)

Sua jornada teve motivos, grandes motivos. Na primeira vez a razão era a flor, e agora a ausência de seu carneiro e a espera de uma explicação do aviador. O Pequeno Príncipe cresceu, e ao crescer, com a manipulação da erva perdeu sua inocência.

A consequência dessa perda foi o silêncio dos seres que encontrava, não era capaz de escutar os animais e as flores, que tanto o orientaram na Terra.

O autor ao apresentar o “problema” do Príncipe e a partir daí inicia a tentativa de solução para isso.

__Uma história triste, realmente __disse eu. __ Mas você está enganado, em pensar que eu não sou capaz de te ajudar. Há muita coisa que eu posso fazer! “ (ROEMMERS, 2011, p.41-42).

A vivência humana é construída através dessa intertextualidade, aplicando um novo conceito literário e construindo um novo sentido.

A suposta falsidade de seu amigo foi tão devastadora que foi baseada em algo extremamente frágil, como a confiança, a amizade e o amor. Saint fala sobre a inocência de criança, e como devemos ver as coisas de uma forma diferente, pegando as coisas boas para nós.

A flor, o carneiro, o bêbado e entre outros aqui não situados tiveram a contribuição de grandes ensinamentos para leitores do clássico que entenderam a alma de criança de Saint, queria que o resto das pessoas pudessem perceber essa dádiva.

Novamente o Príncipe já adolescente entra nesse círculo de ensinamentos. De um outro lado a suposta falsidade do piloto fez um efeito devastador em sua vida porque estava baseada nas palavras, e elas podem fazer sofrer mais da qualquer outra coisa.

Nada o consolava, nada preenchia sua alma qualquer que fosse a atividade. De todas as maneiras o autor tentar ajudar o Jovem Príncipe, explica que sair de seu planeta em busca de uma solução já foi um bom começo, e a conversa sobre problemas e dificuldades traria respostas para o coração do adolescente.

Talvez se o príncipe tivesse sido mais confiante em seus sentimentos, a erva não teria conseguido introduzir pensamentos ruins em sua cabeça, nem teria tido uma influência tão negativa na sua vida. Devemos desconfiar daqueles que destroem o nosso sonho com desculpas de que estão tentando fazer um favor.

O Aviador deu o mais belo dos carneiros do mundo, o que ele mais queria, o que o acompanhou até o seu planeta e que lhe fazia companhia para contemplar o pôs do sol. Era mais real do que a foto que a erva mostrou, porque era apenas um carneiro, enquanto o outro era seu carneiro.

A sua viagem com o motorista teve várias paradas, com acontecimentos que lhe ensinaram juntamente com os conselhos de seu novo amigo. No decorrer das situações o Jovem Príncipe já não era o mesmo do início da viagem, aquele que estava sem esperanças, exausto e triste. Estava tão obcecado em encontra seu amigo

que estava ignorando as outras pessoas, a busca estava se concentrando em alguém que já conhecia. A mesma busca que tinha feito tanto mal.

Ao deixar todos esses sentimentos de lado o Jovem Príncipe vai recobrando a razão e reconstruindo a pureza que era parte do seu ser. O narrador que tanto ensinava o Jovem se perdia em meio a atitudes adultas e contrárias que falava, por achar que sabia muito da vida. Assim como o aviador, aprenderam muito com o Príncipe e perceberam que na vida, aprendemos todos os dias a sermos melhores. Em uma conversa com o narrador, percebemos a respostas do Jovem Príncipe:

— *Bem, eu estive pensando sobre o que você falou e descobri que havia um pensamento enraizado em minha mente. Era o seguinte: eu nunca seria realmente feliz se não encontrasse um amigo como meu piloto perdido. Esse pensamento contém os três obstáculos que você mencionou antes. Primeiro, a necessidade de “alguém como ele”, que me faria ignorar outras pessoas, diferentes, mas também dignas e interessantes. Segundo a questão da “segurança”, pois eu nunca vou poder estar absolutamente certo de que encontrei alguém como ele. E terceiro, a “busca” que faz com que eu me concentre em encontrar alguém que conheço, um acontecimento futuro, sem dar valor as pessoas que estão ao meu lado (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS,2011, p.57)*

Toda releitura é uma nova leitura, toda inter-relação cria uma nova relação, na nova jornada do Jovem Príncipe ele se depara com grandes problemas, que achava que não tinha solução. Tentar encontrar o aviador seria a chave de tudo, mas percebe que muito mais do que fechar os olhos para as demais coisas continuaria o atrasando e deixando-o triste.

O papel do motorista sempre foi esclarecer as mágoas do seu coração e trazer a sua inocência a superfície de seu ser. Perceber que mesmo que não tivesse mais nada, por deixar se enganar por causa de alguém poderia ter tudo, em seu coração. Seguir em frente com boas atitudes e reparando seus erros e suas escolhas, esquecer as falhas atitudes e refletir sobre elas. E o seu reino? O que seria das coisas que deixou para trás?

— *Meu reino agora só existe dentro de mim. ROEMMERS (2011, p.61).*

Assim, como o Pequeno Príncipe e o Aviador repensam os seus valores e encontram sentido da vida, acontece o mesmo com o Jovem Príncipe e o Motorista. Ambos em seus momentos juntos aprendem um com o outro.

Quando sua jornada infelizmente chegou ao fim, o Príncipe e o narrador se deparam com um bêbado, e o Jovem decide acompanhá-lo e ajudar com o suposto problema que o fazia beber na beira da estrada. Ao confiar e entender a história do homem, ele escolhe seguir seu caminho ajudando quem precisa. Dando esperanças para qualquer um de nós encontrarmos com ele.

Esta é a história de minha jornada, caro leitor __ e é para que você não fique triste que me apresso em lhe escrever. Acho que você não concordará que a vida agora ficou mais bela e que não devemos nos preocupar tanto, pois o Jovem Príncipe retornou, desta vez para viver entre nós. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS (2011, p.101)

Realizando o grande pedido de Saint (2004) "Escrevam-me depressa dizendo que ele voltou..." Roemmers escreve sua versão sobre o seu encontro com o Príncipe. Pela busca de respostas e alegria para fãs do nosso querido viajante nos proporciona um novo contado e novas experiências. Alejandro como ele mesmo afirma, preservou sua alma de criança e revelou em brilhantes palavras a inspiração de sua obra.

Era uma agradável noite de primavera, embora a brisa estivesse num tanto fria. A estrela da manhã estava quase tão brilhante quanto a lua. Compreendi então que devia erguer meus olhos para o céu!

De repente, ocorreu uma coisa assombrosa. As estrelas pareceram sorrir para mim. E quando a brisa soprou, elas repicaram como 500 milhões de sinos. (O Retorno do Jovem Príncipe. Fonte: ROEMMERS, 2011, p.102)

A retomada de textos e a relação existentes entre eles, aponta a colação do mundo e as coisas nelas existentes, tudo em meio a linguagem. Ao se despedir utiliza novamente algo simbólico, as estrelas que lembram Saint de seu querido amigo, as estrelas que o faz sorrir. Em sua despedida o Príncipe o presenteia com um dos mais belos presentes.

__Quando olhares o céu de noite, eu estarei habitando uma delas, e de lá estarei rindo, então; então será para ti, como se todas as estrelas rissem! Dessa forma, tu, somente tu terás estrelas que sabem rir! (SAINT- EXUPÉRY, 2004, p. 87).

Mesmo que em algum tempo atrás as estrelas pudessem rir apenas para Saint, a amizade entre Roemmers também fez com que ele pudesse vê-las sorrir. Roemmers (2011) diz que se você estiver se sentindo só, e se seu coração ainda tiver sentimentos puros, e seus olhos ainda conservarem a inocência de uma criança, descobrirá ao lê as páginas de seu livro, que as estrelas lhe sorriem e irá poder ouvi-las como se fossem 500 milhões de sinos.

5 CONCLUSÃO

Com base nos apontamentos de vários estudiosos adquiriu-se conhecimentos gerais quanto a Literatura Comparada, intertextualidade literária e releitura de obras literárias, o que alicerçou a possibilidade de análise proposta. Verificou-se que no cotidiano de nossas práticas comunicativas, produzimos textos a partir de algo já existente.

De uma maneira geral, ou seja, a grosso modo, nada se cria exatamente do nada. Mesmo as obras consideradas como texto fonte receberam influências intertextuais do conhecimento de mundo do autor e de suas leituras anteriores, visto que todas se relacionam simultaneamente ao redor do indivíduo.

A partir da análise realizada, verificou-se que a obra “O Retorno do Jovem Príncipe”, de Alejandro Guillermo Roemmers, figura com uma derivação, uma releitura do clássico literário de Antoine de Saint-Exupéry, “O Pequeno Príncipe, detectando também os aspectos intertextuais presentes nesta produção. Além desse conhecimento técnico analítico, a obra por conta de seu implícito cunho filosófico existencial, trouxe reflexões e confrontos de orem intimista ao confrontar verdades, atitudes, preconceitos e julgamentos precipitados, pautando a compreensão para com o próximo, observando a beleza e o valor do tempo e das pequenas coisas.

A relação estabelecida do texto fonte como um autor determina os elementos que serão extraídos intertextualmente, bem como, personagens convidadas para a trama ou as personagens a serem migradas, suas ações, características mantidas ou a nova roupagem pertinente recebida, criando laços e novas concepções.

Mediante o exposto, observa-se o quanto atividade de releitura no âmbito escolar pode ser relevante para o desenvolvimento de capacidades e habilidades e competências, seja tendo contato com as releituras, lendo ou assistindo, ou mesmo produzindo sua própria releitura.

Vale também ressaltar, que o papel da escrita remete a estruturação do conhecimento, ferramenta de aprendizagem para o aluno na Educação Básica e para atividades futuras de um acadêmico. Espera-se que antes disso, que o aluno ao decorrer das séries, domine as técnicas da escrita em projetos, resumos, organização do pensamento que surge através do sujeito linguístico e à configuração de todo o conhecimento que o sistema de ensino inclui na prática.

REFERÊNCIAS

- ALLEGRO, Alzira Leite. Vieira. **Das relações entre literatura comparada e tradução literária**: algumas considerações. Revista Eletrônica: Mar/ 2004
- ALMEIDA, Djalмира de Sá. **A produção de textos no Ensino Superior**: uma proposta Interdisciplinar de Ensino de Redação para 1º ano da Graduação. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2012.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: Encontro e interação**. SP: Parábola Editorial, 2003.
- ARANA, Alba Regina Azevedo; LORENTI, Fernanda dos Santos; ALBANO, Gustavo Gasque; FERREIRA, Tamara da Silva. **Adaptações, releituras e reescrituras de clássicos literários brasileiros**. Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética – A teoria do Romance**. Trad. Aurora F. Bernadini. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Dialogismo e Intertextualidade**. Ática, Rio de Janeiro, 2002.
- BARTHES, Roland. **A Linguística do Discurso**. La Haye, Mouton, 1970. Artigo texte. Encyclopaedia Universalis, 1974
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BUESCU, Helena Carvalhão. **Grande angular. Comparatismo e práticas de comparação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2001.
- BRUNEL, Pierre; PICHOLS, Claude; ROUSSEAU, A. M. **O que é Literatura Comparada?** São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, edições de 1992 e 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 45. ed. São Paulo: Ática, 2001
- CARVALHO, José Antônio Brandão. **A escrita na escola: uma visão integradora** Universidade do Minho. Caap, 2013
- CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. São Paulo: Saraiva, 1993.
- CASTRO, Claudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CUNHA, M. A. A. **Leitura Questão sempre Emergente.** Belo Horizonte: Suplemento Pedagógico, 1982.

CURY, Augusto. **O direito à Educação Libertadora:** In: Vários escritos. 3. ed. ver. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Literatura e cinema.** Ouro Preto: UFOP, 1999.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. **"Da Leitura como produção de sentidos".** In.: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia.** Lisboa: Edições 70, 1984.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da Leitura.** Porto Alegre: Sagra, 1996.

LOMARDO, Fernando. **O que é teatro infantil.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelle. **Análise de discurso: Princípios e procedimento.** Campinas: Pontes, 1999.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Elementos para uma Teoria Literária: imagologia, imaginário, polissistemas.** In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida. 2011.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. **Com lápis de cor e varinha de condão.** In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Revisando a pré-escola.** 4. ed. São Paulo: CORTEZ, 2000.

PRAWER, S.T.S. **O que é literatura comparada?** Trad. Marta de Senna. In: CARVALHAL, Tania Franco. e COUTINHO, Eduardo de Faria. (Orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 295-308, p. 297.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto.** Tradução Jaime Ferreira e Victor Oliveira. Lisboa: Vega, 1983.

RANGEL, Valeska Bernardo. **Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico.** Revista Eletrônica Núcleo Pedagógico de

Educação e Arte, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupear/about>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ROEMMERS, Alejandro Guillermo. **O Retorno do Jovem Príncipe**: tradução Paulo Afonso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno Príncipe**. 48 ed., 15 impr. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Denise Loreto de. **Shrek : do conto aos filmes, em uma sucessão de paródias**. São José do Rio Preto, 2013.

SOUZA, Eneida Maria de. **Literatura Comparada/ Indisciplina**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais .2014.

SWAIN, Tânia Navarro. **De Deusa a Bruxa: uma História de Silêncio**. Humanidades, v. 9, n. 1, p. 45-58, 1994.

SWAIN, Tânia Navarro. **História no plural**. Brasília: UnB, 1994.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

UMBACH, Rosani Ketzer (Orgs.). **Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada**. São Paulo: Hucitec, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura literária e outras leituras**. In: CHARTIER, Anne-Marie et al. **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 71.

ZHIRMUNSKY, Victor Maksimovich. **Sobre o estudo da literatura comparada**. In: COUTINHO, Eduardo de Faria., CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada. Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 199-214